

A evolução do “Factor Casa” e a percepção dos jogadores de Futebol das principais divisões portuguesas face aos factores de localização do jogo

Marco Bruno Ribeiro de Matos

Porto, 2009

A evolução do “Factor Casa” e a percepção dos jogadores de Futebol das principais divisões portuguesas face aos factores de localização do jogo

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Rendimento – opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta
Marco Bruno Ribeiro de Matos

Porto, 2009

Licenciatura:

Matos, M. B. R. (2009). *A evolução do “Factor Casa” e a percepção dos jogadores de Futebol das principais divisões portuguesas face aos factores de localização do jogo*. Porto: M. Matos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, “FACTOR CASA”, LOCALIZAÇÃO DO JOGO, PERCEPÇÃO DOS JOGADORES.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Júlio Garganta, meu orientador monográfico, pelo contributo prestado, pela disponibilidade demonstrada e sobretudo pela sua compreensão, amizade, preocupação e apoio em todos os momentos da feitura deste trabalho, alguns deles bem difíceis de superar.

Aos responsáveis dos clubes de Futebol, que colaboraram na aplicação dos questionários, pela receptividade e disponibilidade demonstradas.

Aos colegas Jorge Gomes e Daniel Barreira pela colaboração no contacto com alguns clubes de Futebol.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio e incentivos ao longo de todos estes anos da minha formação.

À minha esposa, por todo o amor, apoio, carinho, incentivo e compreensão constantes.

A todos o meu sincero agradecimento.

.

ÍNDICE GERAL

	Página
AGRADECIMENTOS	v
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE QUADROS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Pertinência e Âmbito do Estudo	3
1.2. Objectivos	4
1.3. Estrutura do Trabalho	5
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
2.1. Definição do “Factor Casa” ou da Vantagem de Jogar em Casa ou <i>Home Advantage</i>	10
2.2. Tentativas de explicação da Vantagem de Jogar em Casa	14
2.2.1. Existência do “factor casa”	15
2.2.2. Modelo de Courneya e Carron	17
2.3. Investigação acerca dos Factores da Localização do Jogo	19
2.3.1. Factor “Público”	20
2.3.1.1. Número de espectadores	20
2.3.1.2. Densidade da assistência	21
2.3.1.3. Comportamentos do público	22
2.3.1.4. Ausência de espectadores	23
2.3.1.5. Influência percebida pelos jogadores	23
2.3.2. Factor “Instalações”	24
2.3.3. Factor “Viagens”	27
2.3.4. Factor “Regras”	27
2.4. Investigação acerca dos Estados Psicológicos dos Intervenientes no Jogo	28
2.4.1. Estados Psicológicos dos Jogadores	29
2.4.2. Estados Psicológicos dos Treinadores	31
2.4.3. Estados Psicológicos dos Árbitros	31
2.5. Investigação acerca dos Estados Comportamentais dos Intervenientes no Jogo	32
2.5.1. Estados Comportamentais dos Jogadores	32
2.5.2. Estados Comportamentais dos Treinadores	33
2.5.3. Estados Comportamentais dos Árbitros	34
2.6. Considerações acerca do modelo de Courneya e Carron	36
3. OBJECTIVOS E HIPÓTESES	39
3.1. Objectivos	41
3.1.1. Objectivo geral	41
3.1.2. Objectivos específicos	41
3.2. Hipóteses	42

4. MATERIAL E MÉTODOS	43
4.1. Caracterização da amostra	45
4.2. Recolha de dados	46
4.3. Instrumento	46
4.4. Tratamento dos dados	47
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	49
5.1. Evolução do “Factor Casa”	52
5.1.1. “Factor Casa” na I Liga Portuguesa	52
5.1.2. “Factor Casa” na II Liga Portuguesa	53
5.1.3. “Factor Casa” na II Divisão Nacional (II Divisão B)	54
5.2. Significado do “Factor Casa” para os jogadores	57
5.2.1. Importância do “Factor Casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol	57
5.2.2. Importância do “Factor Casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol	59
5.3. Importância do “Factor Casa” vs Idade	64
5.4. Importância do “Factor Casa” vs Tempo como jogador profissional	67
5.5. As principais causas do “Factor Casa”	69
5.6. A percepção dos jogadores acerca dos estados psicológicos experimentados em função da localização do jogo (casa vs fora)	71
5.7. A percepção dos jogadores acerca dos estados comportamentais experimentados em função da localização do jogo (casa vs fora)	74
5.8. A percepção dos jogadores acerca da fase de jogo mais beneficiada pelo “Factor Casa”	76
5.9. A percepção dos jogadores acerca da fase de jogo mais prejudicada pelo “Factor Casa”	78
6. CONCLUSÕES	81
7. SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS	85
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXOS	I
- Anexo I - Valores médios de “factor casa” nas 6 épocas anteriores a de 1 de Janeiro de 2003, nas diversas ligas europeias (adaptado de Pollard, 2006a)	III
- Anexo II - Valores médios de “factor casa” nas 6 épocas anteriores a de 1 de Janeiro de 2004, nas diversas ligas europeias de Futebol (adaptado de Pollard, 2006b)	IV
- Anexo III - Valores médios de “factor casa” nas 6 épocas anteriores a de 1 de Janeiro de 2004, em ligas de Futebol de vários países (adaptado de Pollard, 2006b)	V

- Anexo IV – Questionário do estudo (adaptado de Fontes, 2007)	VI
- Anexo V – “Factor Casa” nos campeonatos da I Liga Portuguesa de Futebol nas épocas de 1986/1987 a 2008/2009	IX
- Anexo VI – “Factor Casa” nos campeonatos da II Liga Portuguesa de Futebol nas épocas de 1990/1991 a 2008/2009	X
- Anexo VII – “Factor Casa” nos campeonatos da II Divisão Nacional (II Divisão B) nas épocas de 1995/1996 a 2008/2009	XI

ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
Figura 1 - Modelo estrutural da investigação centrada na vantagem em casa (adaptado de Courneya e Carron, 1992).	17
Figura 2 - Modelo estrutural da investigação centrada na vantagem em casa (adaptado de Carron, Loughhead e Bray, 2005).	38
Figura 3 – Fórmula para cálculo do “Factor Casa” (adaptado de Pollard, 1986).	47
Figura 4 – “Factor Casa” nos Campeonatos da I Liga Portuguesa de Futebol de 1986/1987 a 2008/2009.	53
Figura 5 – “Factor Casa” nos Campeonatos da II Liga Portuguesa de Futebol de 1990/1991 a 2008/2009.	54
Figura 6 – “Factor Casa” nos Campeonatos da II Divisão Nacional (II Divisão B) de 1995/1996 a 2008/2009.	55
Figura 7 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol.	58
Figura 8 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol.	61
Figura 9 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular vs Idade.	65
Figura 10 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral vs Idade.	65
Figura 11 - Importância do “factor casa” para o aumento do	68

rendimento da sua equipa de Futebol em particular vs Tempo como jogador profissional.

Figura 12 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral vs Tempo como jogador profissional. 68

Figura 13 - Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais beneficiada pelo “factor casa” numa equipa que joga em casa. 77

Figura 14 - Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais prejudicada pelo “factor casa” numa equipa que joga fora. 79

ÍNDICE DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Tabela dos valores médios de “factor casa” antes e depois da mudança de estádio (adaptado de Pollard, 2002).	26
Quadro 2 – Constituição da amostra do estudo.	46
Quadro 3 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral.	57
Quadro 4 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral: percentagens dentro de casa divisão.	59
Quadro 5 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento <u>da sua</u> equipa de Futebol em particular.	60
Quadro 6 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular: percentagens dentro de casa divisão.	60
Quadro 7 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e da sua equipa em particular: valores da estatística descritiva (mínimo, máximo, média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z).	62
Quadro 8 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e da sua equipa em particular consoante a idade: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão).	64
Quadro 9 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol	67

em geral e da sua equipa em particular consoante a experiência profissional (em anos): valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão).

Quadro 10 – Resultados da importância dos factores de localização do jogo enquanto influenciadores do “Factor Casa”: valores da estatística descritiva (média, desvio-padrão, mínimo e máximo). 69

Quadro 11 – Resultados da percepção dos jogadores acerca dos estados psicológicos experimentados pelos jogadores nos jogos em casa e fora de casa: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z). 71

Quadro 12 – Resultados da percepção dos jogadores acerca dos estados comportamentais experimentados pelos jogadores nos jogos em casa e fora de casa: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z). 74

Quadro 13 – Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais beneficiada numa equipa que joga em casa. 76

Quadro 14 – Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais prejudicada numa equipa que joga fora. 78

RESUMO

O “Factor Casa” numa competição desportiva é um fenómeno bem documentado. No entanto, a forma como a panóplia de factores interage e influencia os intervenientes do jogo, produzindo neles certos comportamentos que resultam numa vantagem para a equipa que joga em casa, continua a ser um mistério.

Partindo deste pressuposto, colocaram-se os objectivos de: (i) analisar a evolução do “Factor Casa”, nos últimos anos, nos três principais campeonatos portugueses de Futebol, comparando-a com a evolução nas principais ligas europeias; (ii) identificar a percepção dos jogadores sobre os estados psicológicos e comportamentais que eles experimentam nos jogos em casa e nos jogos fora; (iii) relacionar a idade dos jogadores, a liga que disputam e o tempo como jogadores profissionais com a importância dada ao “factor casa”; e (iv) averiguar as percepções dos jogadores quanto à fase do jogo mais beneficiada e mais prejudicada pelo “factor casa”.

A amostra é composta por 220 jogadores das três referidas divisões, o que corresponde a cerca de 20% dos jogadores de cada uma das ligas e a cerca de 8,5% da II Divisão Nacional.

Para além da recolha dos dados necessários para calcular o “Factor Casa”, foi aplicado um questionário baseado em estudos sobre a localização do jogo (Courneya e Carron, 1992).

As conclusões a que se chegou são: (i) o “Factor Casa” existe tanto em Portugal como por toda a Europa, mas a sua preponderância tem vindo a diminuir ao longo dos anos; (ii) Os jogadores atribuem maior importância ao “factor casa” para uma equipa de Futebol em geral do que para a sua própria equipa; (iii) Os jogadores da I Liga atribuem maior importância a este fenómeno que os da II Liga e da II Divisão; (iv) Não é possível correlacionar a importância atribuída ao “factor casa” com a idade ou o tempo de experiência dos jogadores; (v) O factor que os jogadores acreditam exercer maior influência sobre o “factor casa” é o público, seguido da aprendizagem/familiaridade com as instalações; (vi) Os jogadores experimentam diferentes estados psicológicos nos jogos em casa e fora de casa, mas podem experimentar os mesmos estados comportamentais; (vii) O ataque é a fase que os jogadores acreditam ser a mais beneficiada e prejudicada pelo “factor casa”.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, “FACTOR CASA”; LOCALIZAÇÃO DO JOGO; PERCEPÇÃO DOS JOGADORES

ABSTRACT

Home advantage in a sporting event is a well-established phenomenon. However, how the multitude of factors interact and influence competitors, coaches and officials, producing in them certain behaviors that result in an advantage for the home team, remains a mystery.

Under this assumption, were formulated the following objectives: (i) to evaluate Home Advantage in the last years, in three major championships of the Portuguese Cup, comparing it with its progress in the major European leagues; (ii) identify players' perception on the psychological and behavioral states they experience in home and away games; (iii) to relate players' age, the league they're playing and time as professional players with the importance given to home advantage and (iv) ascertain players' perceptions on the moment of the game most favored and most affected by the home advantage.

The sample consists of 220 players from the three mentioned divisions, representing approximately 20% of players from each league and about 8.5% of the II Divisão Nacional.

In addition to collecting the data necessary to calculate "home advantage" was applied a questionnaire-based studies on games' location (Courneya and Carron, 1992).

The conclusions reached are: (i) Home advantage exists in Portugal and throughout Europe, but its dominance has been declining over the years; (ii) The players give more importance to home advantage in a football team, in general, than in their own team, (iii) Players of I Liga attach greater importance to this phenomenon than the players of II Liga and II Divisão Nacional; (iv) It is not possible to correlate the importance given to home advantage with age or experience of the players; (v) the factor that players believe to have greater influence over the home advantage is the "crowd", followed by "learning/familiarity with the facilities"; (vi) players experience different psychological states at home and away games, but they may experience the same behavioral states; (vii) The offense is the game stage that players believe to be the most favored and hampered by the home advantage.

KEYWORDS: FOOTBALL; “HOME ADVANTAGE”; GAME LOCATION;
PLAYERS’ PERCEPTIONS



Capítulo 1: Introdução

1. INTRODUÇÃO

1.1. Pertinência e Âmbito do estudo

Actualmente, muitas pessoas desempenham funções cuja qualidade e competência são observadas e avaliadas por terceiros, principalmente quando se trata de uma actividade onde existe um público ou meramente alguns espectadores isolados.

A *priori*, quaisquer que sejam os objectivos, obtém-se uma melhor performance numa dada actividade trabalhando no local habitual, segundo regras conhecidas, de acordo com rotinas habituais e, melhor ainda, quando se é apoiado por alguém.

Da mesma forma, no Desporto, e mais especificamente no Futebol, admite-se que jogar “em casa”, isto é, num local familiar, diante dum público apoiante, proporciona maiores vantagens para realizar boas performances e, portanto, para ganhar mais vezes. Então, supõe-se existir uma vantagem em jogar num local melhor conhecido, com condições de envolvimento favoráveis, num meio afectivo benéfico. Este benefício é denominado, na literatura, “factor casa”.

Por esta razão, afigura-se importante aprofundar o tema da localização do jogo e, numa primeira instância, clarificar de que forma pode, ou não, ser vantajoso jogar “em casa”, bem como indagar os factores que parecem influenciar a performance, quando pode ser identificada tal vantagem e porque é que ela ocorre.

Numa segunda instância, afigura-se importante conhecer de que forma alguns dos principais intervenientes no jogo (jogadores) experimentam esta situação, como é que percebem a influência dos diversos factores de localização do jogo e que tipo de estados psicológicos (positivos e negativos) e comportamentais experimentam com maior frequência e intensidade.

Para sustentar (ou não) aqueles que afirmam com segurança inabalável que jogar em casa é claramente vantajoso, decidiu-se reunir os dados referentes às principais ligas de Futebol da Europa desde 1996, com especial

atenção e relevo para as I e II Ligas Portuguesas de Futebol (actualmente conhecidas, respectivamente, como Liga Sagres e Liga Vitalis) e para a II Divisão Nacional, e mostrar de que forma tem evoluído a hipotética influência do “factor casa”.

Na resposta ao “porquê” da existência de vantagem em jogar em casa, emerge a importância de estudar os estados comportamentais e psicológicos daqueles que têm um papel fulcral no desenrolar do jogo e que, até ao início dos anos noventa, tiveram uma participação pouco activa nas investigações sobre este tema: os jogadores.

Por esta razão é que se centra a nossa principal atenção na percepção dos referidos jogadores acerca da importância do local do jogo e respectiva influência no rendimento desportivo.

1.2. Objectivos

Partindo do contexto antecipado no ponto anterior, será apresentado o estado da arte no que diz respeito ao “factor casa”, mostrando a sua evolução nos últimos anos (desde 1996) nas principais ligas europeias de Futebol, com especial destaque para os 3 principais campeonatos portugueses.

Concomitantemente, pretende-se identificar a percepção dos jogadores das I e II Ligas Portuguesas de Futebol (actualmente designadas respectivamente por Liga Sagres e Liga Vitalis), bem como da II Divisão Nacional (II Divisão B) acerca (i) da influência do local de jogo no resultado desportivo e (ii) dos estados psicológicos e comportamentais que eles experimentam nos jogos em casa e nos jogos fora;

Numa terceira instância, visa-se apresentar uma relação entre a idade do jogador, a liga em que joga e o tempo como jogador profissional com a importância dada ao “factor casa”.

Tenta-se finalmente averiguar as percepções dos jogadores quanto à fase do jogo mais beneficiada pelo “factor casa”, para uma equipa visitada, e a mais prejudicada, para uma equipa visitante, pelo referido fenómeno.

1.3. Estrutura do Trabalho

Usando como guia as normas e orientações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto para a redacção de dissertações, foi estruturado o presente trabalho de forma o mais articulada possível, dividindo-o em oito (8) capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito à *Introdução*, no qual se salienta a pertinência e o âmbito do estudo, enquadrando o tema da tese no estado de conhecimento actual. Destacam-se também os objectivos a atingir com este trabalho e desvenda-se a sua estrutura.

O segundo capítulo refere-se à *Revisão da Literatura*. Nele é decomposto ao pormenor o estado actual do conhecimento, no que se refere ao estudo do “factor casa” no Futebol, mostrando-se uma visão alargada da investigação, focando os autores e as obras mais relevantes e percorrendo as mais recentes e actualizadas.

No terceiro capítulo são apresentados os *Objectivos e as Hipóteses* do estudo. A revisão da literatura possibilita o levantamento de alguns problemas emergentes que, para serem tratados, deve ser formulado um conjunto de hipóteses a verificar, servindo de guia ao longo de toda a investigação.

O quarto capítulo, *Material e Métodos*, caracteriza a amostra e os vários procedimentos metodológicos utilizados para a recolha e tratamento dos dados, especificando o instrumento escolhido. Neste caso, refere-se a um questionário adaptado da tese de licenciatura de Fontes (2007), pois permite atestar a validade de algumas das hipóteses definidas.

A *Apresentação e Discussão dos Resultados* compõem o capítulo seguinte. Nele são apresentados os resultados do tratamento dos dados de forma clara, concisa e objectiva, permitindo discuti-los à luz da literatura após análise das suas dependências e relações.

A *Conclusão*, capítulo seis, apresenta os frutos da discussão dos resultados de forma resumida e sempre em ligação com os objectivos e as hipóteses formuladas anteriormente.

No seguimento das conclusões retiradas, torna-se possível humildemente apresentar, no capítulo sete, algumas *Sugestões para Futuros Trabalhos*, abrindo caminho para novas investigações dentro da mesma área, em busca de continuidade para os conhecimentos reunidos.

O oitavo, e último, capítulo respeita às *Referências Bibliográficas* e integra as obras que serviram de sustentação e enquadramento teóricos ao presente estudo.

Finalmente, seguem-se os *Anexos*, apresentando dados relevantes utilizados no estudo mas que, por se encontrarem “em bruto”, se optou por não os incluir no corpo do trabalho em questão.



Capítulo 2: Revisão da Literatura

2. REVISÃO DA LITERATURA

Diversos factores podem determinar a vitória de uma equipa numa competição desportiva. Mas apesar do jogo de futebol ser organizado e conhecido, o seu carácter é sempre imprevisível e aleatório (Garganta, 2002). No desporto de alto rendimento, cada vez mais as equipas se preparam para as competições munindo-se de recursos até então não aplicados, como pesquisas científicas e análises de desempenho dos adversários, baseados em ferramentas estatísticas (Lacerda e Mello, 2007).

Dentro desse conjunto de factores que mais condicionam o desempenho das equipas, o local do jogo é considerado, em vários jogos desportivos colectivos, como um dos que maior influência exerce no seu desfecho (Schwartz e Barsky, 1977; Silva e Andrew, 1987; Courneya e Carron, 1992; Madrigal e James, 1999; Sampaio e Janeira, 2002).

Actualmente, a vantagem de jogar em casa numa competição desportiva é já um fenómeno bem documentado, principalmente em modalidades como o Futebol, o Basebol, o Basquetebol e o Hóquei em Gelo (Schwartz e Barsky, 1977; Silva e Andrew, 1987; Courneya e Carron, 1992; Nevill *et al.*, 1996; Nevill e Holder, 1999; Carron e Hausenblas, 1998; Dennis e Carron, 1999; Bray e Widmeyer, 2000; Pollard, 2002; Bray *et al.*, 2002; Brown *et al.*, 2002; Pollard e Pollard, 2005; Clarke, 2005; Jones *et al.*, 2005; Koning, 2005). No entanto, em modalidades como o Voleibol, não se pode ainda dizer o mesmo (Marcelino *et al.*, 2009)

O referido tema tem vindo a ganhar maior proporção e a ser mais estudado nos últimos 30 anos, nomeadamente nos Estados Unidos da América e no Reino Unido (Courneya e Carron, 1992; McGuire *et al.*, 1992).

Segundo Page e Page (2007), nos últimos anos foram elaboradas quatro importantes revisões acerca do “factor casa” no desporto: a de Courneya e Carron (1992), a de Nevill e Holder (1999), a de Carron e seus colaboradores (Carron *et al.*, 2005) e a de Pollard (2006a). Para além de permitirem uma visão mais alargada e sistematizada acerca do fenómeno em causa, três delas apresentaram um modelo conceptual que mostra as diversas inter-relações existentes e aponta alguns caminhos para futuras investigações. No entanto,

as suas causas ainda estão sob discussão (Boyko *et al.*, 2007; Page e Page, 2007).

Para a popularização deste fenómeno contribuiu a elevada importância que a comunicação social e os adeptos lhe atribuíram (e continuam a atribuir) para tentar explicar a dificuldade em vencer algumas equipas quando estas jogam em casa. Aliás, tais explicações para a vitória valorizaram mais o “factor casa” do que o talento, os resultados anteriores ou as lesões (Edwards e Archambault, 1987 cit. Courneya e Carron, 1992; Nevill *et al.*, 1996).

No entanto, como funciona exactamente este fenómeno real continua a ser um mistério (Hoover, 2009).

2.1. Definição do “Factor Casa” ou da Vantagem de Jogar em Casa ou *Home Advantage*

Koppet (1972, cit. Brown *et al.*, 2002) elaborou uma das primeiras definições operacionais para a *Home Advantage*, afirmando que jogar em casa aumenta as probabilidades de ganhar.

Posteriormente, Courneya e Carron (1992) definiram o “factor casa” como a expressão utilizada para descrever a consistência com que as equipas que jogam em casa vencem mais de metade (50%) dos jogos disputados (em casa), num calendário competitivo equilibrado, ou seja, quando as equipas realizam o mesmo número de jogos em casa e fora, defrontando os mesmos adversários.

Utilizando esta definição, vários investigadores concluíram que a vantagem de jogar em casa existe em muitos desportos colectivos organizados, nomeadamente o Futebol, o Basebol, o Hóquei e o Basquetebol, e em diferentes níveis de competição – amador ou profissional (McGuire *et al.*, 1992). Notaram também alguma estabilidade dentro de cada modalidade e consistência ao longo do tempo, existindo tanto no desporto masculino como no feminino (Courneya e Carron, 1992; Carron e Hausenblas, 1998; Madrigal e James, 1999), mas variando de magnitude entre as várias modalidades e os diferentes níveis de competição (Morley e Thomas, 2005).

Mas como muitas equipas não disputam o mesmo número de jogos em casa e fora, nem têm um estádio próprio, nomeadamente as equipas que disputam os campeonatos do mundo ou competições de estrutura semelhante (como as selecções nacionais), a definição do “factor casa” teve de ser alterada para as incluir (Brown *et al.*, 2002).

Então, verificando que a definição de Courneya e Carron (1992) era baseada apenas na percentagem de vitórias em casa em campeonatos completos, num determinado número de anos, descurando os dados individuais das equipas quando estas jogam fora de casa, Bray, em 1999, redefiniu o “factor casa”, considerando como vantagem de jogar em casa quando a percentagem de vitórias caseiras menos a percentagem de vitórias fora é maior que 5% (Brown *et al.*, 2002).

Independentemente da definição utilizada, parece claro que o efeito do “factor casa” é robusto e consistente (Page e Page, 2007; Marcelino *et al.*, 2009). Portanto, parece realmente existir uma vantagem em jogar em casa (nas próprias instalações), sendo este um bom predictor do resultado final, tal como a qualidade da equipa e dos seus jogadores (Schwartz e Barsky, 1977; Snyder e Purdy, 1985 cit. Courneya e Carron, 1992) ou mesmo o facto de marcar golo em primeiro lugar, ou seja, antes da equipa adversária (Courneya, 1990 cit. Courneya e Carron, 1992).

Barry Schwartz e Stephen Barsky (1977), Garcia-Mas (2002), Sampaio e Janeira (2005) e muitos outros autores vão mais longe e afirmam claramente que a vantagem em casa é um facto inegável e presente em todas as modalidades desportivas analisadas, de entre as quais o Futebol assume um papel de destaque.

Aliás, na Primeira Liga Inglesa de Futebol – English Premier League – o “factor casa” tem sido especialmente estudado (Nevill e Holder, 1999; Nevill *et al.*, 1996; Pollard, 2006b), assim como , com especial destaque, no Campeonato do Mundo de Futebol (Brown *et al.*, 2002).

E, sabendo-se que a sua magnitude varia de acordo com as modalidades desportivas e que essa vantagem é mais pronunciada nos desportos de interior (Schwartz e Barsky, 1977), curiosamente o Futebol foi aquela que apresentou

maior percentagem de vitórias caseiras e, portanto, uma maior vantagem em jogar em casa (Courneya e Carron, 1992; Pollard, 2006a).

De facto, a vantagem de jogar em casa, no Futebol, foi confirmada pela média da percentagem de vitórias caseiras, nos diversos campeonatos de Futebol disputados por toda a Europa, ser de aproximadamente 64%, num intervalo de 53% a 70% referente aos diversos desportos investigados (Courneya e Carron, 1992).

Curiosamente, Pollard (2006a) mostra que o valor mais elevado encontrado para o “factor casa” foi de 80% e no Futebol, parecendo assumir maior importância que no Basebol, no Basquetebol, no Hóquei em Gelo e no Futebol Americano (em que os valores rondam os 61,8%).

Em Inglaterra, o “factor casa” é semelhante nas 4 principais divisões (aproximadamente 60%) e menor nas restantes (cerca de 55%). Mas existe de facto, apesar do número de espectadores ser inferior (Pollard, 2006a).

- Resumindo as conclusões de vários investigadores, pode-se dizer que o “factor casa” não é um fenómeno recente e se verifica em vários desportos, individuais e colectivos, sendo estável dentro de cada um; pode ser consistente ao longo do tempo e evidencia-se nos diferentes níveis de competição (do amador ao profissional); e é generalizável quanto ao sexo dos desportistas, tendo-se verificado a sua existência tanto a nível masculino como feminino (Schwartz e Barsky, 1977; Courneya e Carron, 1992; Carron e Hausenblas, 1998; Carron *et al.*, 2005).

No entanto, a vantagem de jogar em casa não é universal para todas as equipas. De facto, Bray (1999) mostrou que várias equipas ganham menos de metade dos seus jogos em casa. Clarke e Norman (1995) provaram ainda que, nos campeonatos Ingleses de Futebol, 14% das equipas de Futebol em qualquer ano e em qualquer divisão apresentam um “factor casa” negativo (Carron *et al.*, 2005), ou seja, possuem uma **desvantagem em jogar em casa**.

E, tendo em conta alguma variação (gerada pela criação de mais divisões, pela mudança na pontuação por vitória, pela reorganização da estrutura da liga

e pelas Grandes Guerras Mundiais), o “factor casa” tem sofrido algum decréscimo, chegando a atingir recentemente os seus valores mais baixos nos campeonatos ingleses (Pollard, 2006a).

Aliás, Koyama e Reade (2009) pensam que a diminuição da vantagem de jogar em casa, no campeonato inglês, desde meados de 1980, se deve ao aumento da cobertura televisiva dos jogos, impedindo que os jogadores se desleixem em jogos fora, uma vez que os adeptos das suas equipas estão também a observá-los (e não apenas nos jogos em casa).

Por vezes a mudança das equipas para novos estádios também produz algumas alterações na vantagem de jogar em casa (Pollard, 2002; Loughhead *et al.*, 2003, cit. Carron *et al.*, 2005).

É possível visualizar, no Anexo I, uma tabela que evidencia o valor médio do “factor casa” nas ligas europeias de Futebol nas 6 épocas anteriores a 1 de Janeiro de 2003 e, no Anexo II, outra que apresenta o “factor casa” registado nas 6 épocas desportivas anteriores a 1 de Janeiro de 2004 também nas principais ligas europeias de Futebol.

Através dessas tabelas é viável comparar alguns dos principais campeonatos europeus e destacar que, entre as épocas de 1996/97 e 2001/02, se registou um “factor casa” médio de 65% em França, 64,2% em Itália, 63,9% em Espanha, 63,3% na Alemanha e 60,7% em Inglaterra (Pollard, 2006a).

No que diz respeito a outras ligas de Futebol por todo o mundo, pode-se afirmar que os valores encontrados para o “factor casa” são semelhantes (conforme Anexo III).

Relativamente a outras competições, Brown *et al.* (2002) estimaram em 63% o “factor casa” para as 32 selecções nacionais que participaram na fase final do Campeonato do Mundo de Futebol de 2002, sem incluir os empates nos cálculos, e em 59% incluindo os empates registados. No entanto, esta competição não é balanceada (jogos em casa e fora contra o mesmo adversário).

Sampaio e colaboradores (2008 cit. Marcelino *et al.*, 2009) permitiram outra perspectiva, mostrando, através de um estudo realizado no Basquetebol, que a vantagem de jogar em casa existe mas que não se reflecte de igual forma em todas as acções de jogo, comprovando-se através das estatísticas de jogo. É provável que tal suceda igualmente no Futebol. De facto, Nevill e seus colaboradores salientam que o número de expulsões e de penaltis favorecem normalmente a equipa da casa, talvez fruto da influência da assistência sobre as decisões dos árbitros (Nevill *et al.*, 1996).

Apesar desta diversidade de conclusões, e de algumas contradições também, pode-se inferir desde já e com toda a certeza que o “factor casa” possui uma enorme importância no Desporto, em geral, e no Futebol, em particular (Freire, 1998).

2.2. Tentativas de explicação da Vantagem de Jogar em Casa

Courneya e Carron (1992) afirmam que os estudos realizados nesta área se propagaram em 3 direcções diferentes:

(i) a primeira procurou apenas documentar a existência da vantagem de jogar em casa e responder à pergunta “o quê”, relacionando o local do jogo com a performance. Schwartz e Barsky (1977) foram os primeiros a fornecer uma grande quantidade de dados sistemáticos que comprovam a existência da vantagem de jogar em casa;

(ii) a segunda secção de estudos, face a tão inequívocas certezas, procurou identificar “quando” é que a *home advantage* existe, ou seja, na presença de que factores é que ela se torna evidente, relacionando esses factores do local do jogo com os resultados da performance;

(iii) a terceira direcção que algumas investigações tomaram procurou clarificar “porque” é que a vantagem ocorria, relacionando a localização do

jogo (casa ou fora) com os estados psicológicos e comportamentais dos intervenientes no jogo.

É acerca da primeira “direcção”, ou seja, da existência do “factor casa” que este subcapítulo se debruça. Os seus factores e os estados psicológicos e comportamentais dos intervenientes serão analisados nos três capítulos seguintes.

2.2.1. Existência do “Factor Casa”

Sendo já um facto de que as equipas que competem em casa possuem uma vantagem relativamente às equipas que competem fora de casa, como é possível explicar então a existência dessa vantagem?

Ao longo dos últimos anos a vantagem de jogar em casa foi estudada, tentando-se identificar e explicar a sua existência (Edwards e Archambault, 1989 cit. Courneya e Carron, 1992).

Mas é interessante notar que, apesar das muitas tentativas para explicar a natureza e as causas do “factor casa” (Courneya e Carron, 1992), poucos investigadores realizaram uma aproximação sistemática na sua análise (Madrigal e James, 1999), evidenciando uma grande dificuldade em isolar o efeito de certas variáveis na vantagem de jogar em casa (Courneya e Carron, 1991; Courneya e Carron, 1992). Uma dessas variáveis (difíceis de isolar) é, por exemplo, a história da performance de uma equipa, ou seja, a sua qualidade (Madrigal e James, 1999).

Schwartz e Barsky (1977) sugeriram que a magnitude do “factor casa” deveria variar de acordo com a qualidade da equipa da casa e a do seu adversário. No entanto, Madrigal e James (1999) constataram que as equipas de elevada qualidade gozam de uma maior percentagem de vitórias em casa do que as equipas de média ou baixa qualidade quando defrontam adversários equivalentes em qualidade. E mais, essas equipas superiores possuem maior

percentagem de vitórias em casa contra equipas mais fracas do que uma equipa inferior, quando joga em casa, contra uma equipa visitante de maior qualidade.

Para resultados mais ajustados e mais concretos, neste estudo, dever-se-ia ter utilizado uma melhor medida de qualidade que determinasse o sucesso de uma equipa durante um longo período de tempo (Madrigal e James, 1999). Mas, mesmo assim, o facto é que, independentemente da qualidade de cada equipa, todas elas gozam de uma vantagem sobre os seus adversários quando jogam em casa.

Schwartz e Barsky (1977) afirmaram ainda que o que permite uma maior vantagem em casa é o facto de as equipas caseiras apresentarem maior ofensividade efectiva em vez de privilegiarem a acção defensiva, fruto claro da sua qualidade como equipa.

Surgiram então várias teorias que tentaram proporcionar o melhor enquadramento a este fenómeno, fundamentando-o em explicações de carácter (i) biológico, (ii) psicológico-social e (iii) cognitivo-social (Courneya e Carron, 1992).

i. No que diz respeito às explicações biológicas, surgiu a teoria da territorialidade que sugere que os indivíduos se identificam e familiarizam com certos locais, assumindo a sua protecção, domínio e defesa contra qualquer tipo de intrusão (McGuire *et al.*, 1992; Sampaio e Janeira, 2005).

Aliás, Carron (1988, cit. McGuire *et al.*, 1992) considera que o próprio estádio e instalações são considerados como um território primário, possuído e utilizado exclusivamente pela equipa da casa, permanente e fortemente controlado, de acesso restrito e com uma elevada probabilidade de ser defendido.

ii. Quanto às explicações de tipo psicológico-social, despontou a teoria da facilitação social que explica a vantagem de jogar em casa pelos efeitos provocados pela presença e participação do público no jogo, considerando que

os comportamentos são alterados pela presença de observadores (Sampaio e Janeira, 2005).

iii. A nível das explicações cognitivo-sociais, a teoria da percepção do apoio social afirma que os indivíduos percebem um apoio social positivo quando jogam em casa (Sampaio e Janeira, 2005).

2.2.2. Modelo de Courneya e Carron

Não havendo provas de que qualquer destas teorias explicaria por si só o fenómeno em causa, Courneya e Carron elaboraram um modelo (conforme Figura 1) constituído por 5 componentes fortemente inter-relacionadas: o local do jogo, os factores do local do jogo, os estados psicológicos e os estados comportamentais dos principais intervenientes no jogo e o tipo de performance (Courneya e Carron, 1992; McGuire *et al.*, 1992; Carron e Hausenblas, 1998; Sampaio e Janeira, 2005).

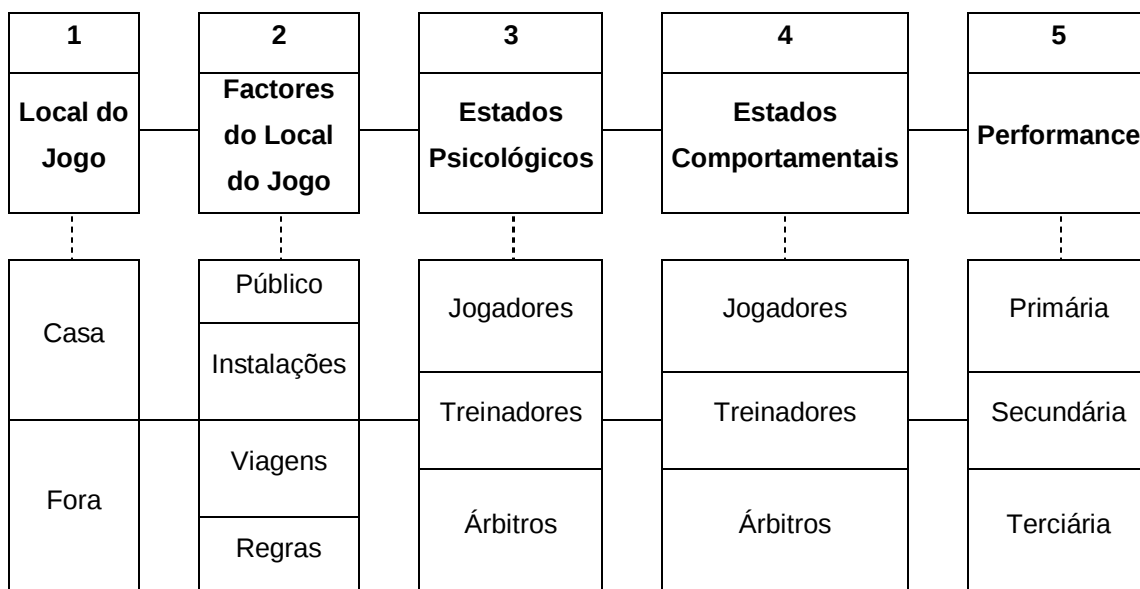


Figura 1 - Modelo estrutural da investigação centrada na vantagem em casa (adaptado de Courneya e Carron, 1992)

No que diz respeito ao local do jogo, só estão contempladas as competições em “casa” e “fora de casa” porque Courneya e Carron referem que o seu modelo conceptual não seria relevante para compreender os jogos disputados em local neutro. No entanto, mesmo em jogos realizados em local neutro há sempre uma equipa designada como “equipa da casa” (Carron *et al.*, 2005).

Neste modelo, os autores consideram que o estudo do local do jogo comporta uma reflexão acerca de 4 factores importantes: o público, as instalações, as viagens e as regras (Courneya e Carron, 1992; McGuire *et al.*, 1992; Carron e Hausenblas, 1998; Sampaio e Janeira, 2005).

1. Quanto ao público, o seu tamanho, densidade e proximidade podem reflectir o apoio social aos intervenientes no jogo e estimular positivamente a equipa da casa e negativamente a equipa que joga fora de casa.
2. No que diz respeito às instalações, pensa-se que a familiaridade das equipas (da casa) com as características físicas das instalações pode trazer-lhes benefícios.
3. As viagens referem-se às deslocações das equipas que jogam fora (por normalmente distarem mais do local do jogo), o que lhes poderá provocar fadiga física e/ou mental e a alteração de hábitos ou rotinas e, consequentemente, trazer desvantagens perante a equipa da casa.
4. A nível das regras, em alguns desportos, há a possibilidade delas favorecerem a equipa da casa, nomeadamente no Basebol ou no Hóquei.

Segundo Courneya e Carron (1992), apesar de cada um destes factores poder ter algum apoio empírico, não há nenhuma prova concreta de que qualquer um deles, isoladamente ou combinados, possam determinar claramente o “factor casa”. No entanto, autores como Morley e Thomas (2005) defendem que modalidades diferentes são influenciadas por diversas

combinações de factores de localização de jogo que, por sua vez, interagem entre si e condicionam o “factor casa”.

Pensa-se ainda que há a possibilidade dos factores do local do jogo influenciarem os estados psicológicos (confiança, expectativas, ansiedade, coesão, etc.) e os comportamentais (quantidade de esforço dispendido, persistência para ultrapassar obstáculos/dificuldades e o nível de agressividade) dos intervenientes no jogo (jogadores, treinadores e árbitros), afectando, em última análise, a sua performance (Courneya e Carron, 1992).

Segundo os autores acima citados, a referida performance é, neste modelo, dividida em:

1. primária, em que os indicadores expressam a execução de determinada acção (ex.: estatísticas dos jogos);
2. secundária, referindo-se aos indicadores que decidem o desfecho dos jogos (ex.: golos marcados, golos sofridos);
3. terciária, cujas medidas estabelecem o desfecho final do jogo como, por exemplo, a vitória ou a derrota.

2.3. Investigação acerca dos Factores da Localização do Jogo

A segunda direcção tomada pelos investigadores foi a de tentar identificar “quando” é que o “factor casa” se faz notar, ou seja, na presença de que factores é que se considera vantajoso jogar em casa e quando é que essa vantagem se torna evidente.

As investigações debruçaram-se então sobre os diversos factores, indicados por Courneya e Carron, que poderiam influenciar a performance dos intervenientes no jogo: o público, as instalações, as viagens e as regras.

2.3.1. Factor “Público”

Desde que Schwartz e Barsky (1977) sugeriram que a vantagem de jogar em casa era mais evidente quando o público se expressava a favor da equipa visitada, realizaram-se em seguida várias investigações acerca deste factor da localização da competição.

Esses trabalhos dedicaram-se então sobre os subfactores do público, avaliando, por exemplo, a sua magnitude (número de espectadores), a sua densidade (percentagem de espectadores relativamente à capacidade do estádio) e o seu ruído (tipo de comportamentos manifestados pelos espectadores - palmas, cânticos, assobios ou palavras insultuosas), mas acerca destes factores as conclusões encontradas pelos investigadores foram diversas e contraditórias. Além destes aspectos, investigaram-se ainda os casos pontuais de ausência de espectadores e as percepções dos atletas relativamente ao apoio do público.

2.3.1.1. No que diz respeito ao **número de espectadores** (magnitude), segundo Nevill e Holder (1999), algumas investigações mostraram que a vantagem de jogar em casa aumentaria com o número de espectadores, mas até um certo número ou consistência, ou seja, até que o público fosse constituído de igual forma por adeptos das duas equipas. No entanto, esta conclusão parece não ser unânime. Ainda assim, a magnitude absoluta da assistência parece estar relacionada com o “factor casa”.

Para explicar o sucedido, dois mecanismos foram propostos: o público é capaz de provocar uma melhoria de performance dos jogadores da casa (dando-lhe apoio em termos psicológicos) e/ou é capaz de influenciar os árbitros para subconscientemente favorecerem a equipa da casa. E de facto, Nevill *et al.* (1999) demonstraram haver enormes evidências de que os árbitros podem ser influenciados pelo ruidoso apoio da multidão de adeptos da casa.

Então, se o público é capaz de influenciar os jogadores da casa (para jogarem melhor que os seus adversários) ou os árbitros (penalizando mais frequentemente os jogadores visitantes que os visitados), então a redução do “factor casa” ocorrerá quando o número de adeptos das duas equipas for mais

equilibrado. Mas apesar desta conclusão parecer plausível, ainda ninguém investigou o efeito da consistência ou igualdade numérica dos adeptos (de ambas as equipas) na vantagem de competir em casa (Nevill e Holder, 1999).

De facto, quando o público é entusiasta, parece haver maiores probabilidades da equipa da casa vencer mais jogos (Zeller e Jurkovic, 1988 cit. Courneya e Carron, 1992). No entanto, para que o público compareça e apoie a sua equipa é necessário que ela possua elevada qualidade e/ou uma grande tradição de vencer os jogos em casa. Com as elevadas expectativas e exigências dos adeptos, a performance da sua equipa em casa pode ser superior (Madrigal e James, 1999).

2.3.1.2. Quanto à importância da **densidade da assistência**, os argumentos não são convergentes.

Por um lado, alguns autores sustentam que a vantagem de jogar em casa parece aumentar à medida do acréscimo da densidade do público, permitindo, segundo Schwartz e Barsky (1977), ampliar a percentagem de vitórias da equipa visitada de 48%, quando a densidade era reduzida, para 57%, quando a densidade era elevada. Posteriormente, Agnew e Carron (1994, cit. Carron *et al.*, 2005) analisaram vários factores relacionados com a presença do público nos jogos de Hóquei em Gelo e apenas a densidade da assistência pareceu estar correlacionada positivamente com a vantagem de jogar em casa, crescendo com o aumento da densidade.

Por outro lado, alguns estudos revelam não haver diferenças na vantagem consoante a densidade do público (Pollard, 1986 cit. Courneya e Carron, 1992).

Contrariando a afirmação de Courneya e Carron (1992) de que a magnitude do “factor casa” é consistente dentro de cada desporto e se mantém relativamente estável ao longo do tempo, autores como Schwartz e Barsky (1977) encontraram diferenças importantes na vantagem de jogar em casa de acordo com a densidade da assistência, o que aliás é confirmado por Baumeister e Steinhilber (1984 cit. Nevill e Holder, 1999), que apresentam o “factor casa” como diluído aquando de fases cruciais da competição. De facto,

em *derbies*, Pollard (1986, cit. Nevill e Holder, 1999) notou haver uma reduzida vantagem caseira, apesar de a assistência ser elevada. No entanto, o número de adeptos estaria equilibrado para as equipas que se opunham entre si.

2.3.1.3. Também se investigou o efeito dos **comportamentos do público** nos intervenientes no jogo (jogadores, treinadores e árbitros) para determinar porque é que o factor do público influencia a vantagem de jogar em casa.

Thirer e Rampey (1979, cit. Carron *et al.*, 2005) mostraram que durante o comportamento normal do público a equipa visitante cometeu mais faltas, mas quando esse comportamento se tornava anti-social, ou seja, quando o público cantava obscenidades, atirava objectos para o relvado, lutava ou insultava, a equipa da casa cometia mais infracções.

Por sua vez, Greer (1983, cit. Carron *et al.*, 2005) descobriu que a performance da equipa da casa era melhor do que a da equipa visitante quando o comportamento do público era normal e mesmo quando este adoptava comportamentos antidesportivos como, por exemplo, os assobios.

Convém referir também que há poucas evidências da existência da vantagem de jogar em casa em desportos individuais, nomeadamente em torneios internacionais de Ténis e de Golfe (em que o número de espectadores é elevado). Esta vantagem não parece ser um factor que influencie grandemente a performance dos jogadores pois estes resultados podem dever-se ao facto do sistema de pontuação utilizado no Ténis e no Golfe ser de natureza relativamente objectiva, ao contrário da influência que as decisões subjectivas dos árbitros podem ter no resultado de jogos colectivos como o Futebol (Nevill *et al.*, 1996; Nevill *et al.*, 1997). Daí provavelmente a influência do público se fazer notar menos em desportos como os referidos (Ténis e Golfe), em que a intervenção dos adeptos é mais regrada e onde vigoram menos comportamentos anti-sociais, permitindo aos árbitros decidirem com menor pressão e com maior correcção.

Assim, é legítimo pensar que a capacidade do público influenciar as decisões dos árbitros em favor da equipa da casa poderá ser a causa mais dominante do “factor casa”. Mas ainda não é clara a forma como o público influencia as decisões dos árbitros (Nevill e Holder, 1999).

Por sua vez, Nevill *et al.* (1999) sugerem que as reacções do público parecem influenciar os árbitros levando-os a ser mais severos quando analisam lances protagonizados por jogadores visitantes do que quando estão presentes jogadores da equipa da casa.

2.3.1.4. Relativamente à influência da **ausência de espectadores** na vantagem de jogar em casa, os estudos são escassos devido à insuficiência de jogos que são realizados sem qualquer público. Mas condições únicas (epidemia) propiciaram a realização de jogos com tais características. Moore e Brylinsky (1993, cit. Carron *et al.*, 2005) estudaram-nos e concluíram que a performance das equipas melhorou na ausência de espectadores.

No entanto, este aspecto necessita mais investigação para confirmação destes resultados.

2.3.1.5. Outra das linhas de investigação consiste em examinar a **influência percebida pelos jogadores** acerca dos comportamentos de apoio por parte dos espectadores. Também em relação a este factor, as conclusões foram diversas e contraditórias.

Enquanto Salminen (1993, cit. Carron *et al.*, 2005) mostrou que o apoio dos adeptos da equipa da casa não está relacionado com um maior “factor casa” no Futebol, no Hóquei em Gelo e no Basquetebol, Bray e Widmeyer (2000) indicaram que esse apoio dos adeptos da equipa local é um dos factores mais importantes para conseguir a vitória em casa.

Assim sendo, é necessário aprofundar ainda mais estes estudos recorrendo à valiosa participação dos jogadores, mas de uma forma activa.

Em suma, os resultados das investigações realizadas no âmbito do factor “público” são diversos e algo confusos, mas sugerem que a influência da multidão de espectadores depende do tipo de modalidade desportiva e de outros factores, tal como os árbitros (Nevill e Holder, 1999; Pollard, 2006a). O público parece exercer uma das influências mais evidentes e frutuosas nos

intervenientes do jogo, revelando-se como uma das causas mais dominantes do “factor casa” (Nevill e Holder, 1999).

2.3.2. Factor “Instalações”

No que toca aos factores relacionados com as instalações e a familiaridade com o espaço físico, foram escassos os trabalhos produzidos (Pollard, 2002), talvez pela dificuldade em isolar as variáveis e testar este tipo de dados (Courneya e Carron, 1992).

Reunindo resultados comuns aos vários estudos realizados nesta área, há várias razões para a familiaridade com o local de jogo contribuir para uma vantagem em jogar em casa. Segundo Pollard (2002), estas razões podem ser classificadas em físicas (ex: dimensões do campo, orientação do campo segundo as condições climatéricas e características físicas do estádio), sensoriais (ex: referências visuais dadas pelas condições físicas, iluminação, sons e outros estímulos sonoros) e psicológicas (ex: estar rodeado de caras e pessoas familiares, durante uma rotina familiar, em ambientes familiares pode beneficiar a preparação mental do jogador para o jogo).

Alguns investigadores sugeriram que, quanto mais familiarizadas as equipas estiverem com as instalações dos seus próprios estádios, maior será a sua vantagem de jogar em casa. No entanto, as evidências estatísticas para estas sugestões foram poucas. Outros aperceberam-se da vantagem que algumas equipas tinham quando o seu campo possuía as dimensões mais reduzidas ou as mais elevadas (“factor casa” de 65,6%) ou quando eram as únicas a apresentar um piso sintético (relva artificial), sendo a vantagem equivalente a 63,9% (Clarke e Norman, 1995 cit. Carron *et al.*, 2005). No entanto, esta vantagem não era significativamente diferente da vantagem que as restantes equipas demonstravam possuir em casa (Pollard, 1986, cit. Carron *et al.*, 2005).

Kauss (1980, cit. Pollard, 2002) também investigou este factor mas na perspectiva da não familiaridade com as instalações constituir numa desvantagem para a equipa visitante. . Neste sentido, identificou três possíveis causas de desvantagem: as características físicas do estádio, a distração durante os jogos e a alteração à normal preparação para o jogo. Os resultados, no entanto, não foram relevantes nem conclusivos.

A familiaridade com o ambiente de jogo também foi estudada em equipas que jogaram vários jogos na condição de visitados mas em locais diferentes, tendo Moore e Brylinsky (1995, cit. Carron *et al.*, 2005) constatado que, apesar de jogarem em condições não familiares, as equipas beneficiaram do peso do “factor casa”. Portanto, a familiaridade com o espaço físico parece não estar associada à vantagem de jogar em casa.

Relacionando a qualidade das equipas, a familiaridade com as condições físicas e o “factor casa”, Loughhead *et al.* (2003, cit. Carron *et al.*, 2005) demonstraram que enquanto mudar-se para novas instalações é benéfico para equipas de baixa qualidade, tal provoca uma redução da vantagem de jogar em casa em equipas de elevada qualidade.

No entanto, esse efeito da mudança de estádio no “factor casa” será provavelmente maior imediatamente a seguir a essa mudança e diminuirá gradualmente conforme a equipa se vai tornando mais familiar com as novas instalações (Pollard, 2002).

Por sua vez, Wilkinson e Pollard (2006) afirmam que existe um decréscimo na vantagem de jogar em casa quando as equipas mudam para um novo estádio, mas que esse declínio é apenas temporário. Aliás, no ano da mudança a vantagem diminui, mas volta praticamente aos valores apresentados no ano anterior a essa mudança no 2º ano no novo estádio (em que já há maior familiaridade com as instalações).

No Quadro 1 estão patentes as alterações no “factor casa”, com a mudança de estádio, em algumas modalidades, como o Basebol, o Basquetebol, o Hóquei em Gelo e outras:

Quadro 1 - Tabela dos valores médios de “factor casa” antes e depois da mudança de estádio (adaptado de Pollard, 2002).

Modalidade	Liga	Nº Equipas	Valor médio de “Factor Casa” (%)			P	Redução no “Factor Casa” (%)
			Antes	Depois	Diferença		
Basebol	AL e NL	7	54.75	53.72	-1.03	0.305	21.6
Basquetebol	NBA	17	65.27	62.60	-2.67	0.064	17.5
Hóquei em Gelo	NHL	13	56.20	53.48	-2.72	0.057	43.9
Todos		37	60.09	57.72	-2.37	0.011	23.5

Ainda assim, uma das investigações acerca do mesmo assunto demonstra não haver qualquer efeito devido à mudança de instalações (Loughhead *et al.*, 2003 cit. Page e Page, 2007).

Outros autores afirmam, numa linha de pensamento distinta, que a familiaridade com a cultura, a linguagem e a comida poderia contribuir para o efeito do “factor casa” em equipas que viajam muito ou que jogam em diversos países, tais como as selecções nacionais, mas as provas são reduzidas (Brown *et al.*, 2002).

Apesar da divergência de resultados registada, da natureza inconclusiva dos mesmos e de Pollard (2002) ter estimado em 24% o efeito da familiaridade com as condições de jogo, a maioria dos estudos sugere que a familiaridade com o local do jogo não é um factor muito relevante quando se avalia o fenómeno do “factor casa” (Barnett e Hilditch, 1993 cit. Nevill e Holder, 1999), sendo reduzida a sua contribuição para o referido fenómeno (Page e Page, 2007).

2.3.3. Factor “Viagens”

Quanto aos factores relacionados com viagens, como a fadiga, a quebra da rotina e a exposição dos jogadores a condições climatéricas diferentes, a investigação não foi muito numerosa (principalmente até 1992) e, quando foi realizada, explicou apenas uma reduzida parte da variância (menos de 1,5%) entre os resultados vitória/derrota (Courneya e Carron, 1991; Pace e Carron, 1992 cit. Brown *et al.*, 2002).

De facto, poucas foram as provas de que as viagens poderiam ser um factor de desvantagem para a equipa visitante, nomeadamente através da fadiga provocada pelas deslocações. No entanto, alguns investigadores denotaram alguma flutuação no “factor casa” quando a equipa visitante tinha de viajar longas distâncias e/ou atravessar vários fusos horários, ficando os jogadores sujeitos ao impacto do *jet lag* (Page e Page, 2007).

Ainda assim, é pouco provável que as viagens sejam uma causa relevante para ser vantajoso jogar em casa (Nevill e Holder, 1999) pois o seu impacto no “factor casa” parece ser mínimo (Courneya e Carron, 1992). De facto, as conclusões dos diversos estudos tendem a indicar um efeito muito reduzido ou mesmo negligenciável da duração e da distância das viagens (Carron *et al.*, 2005; Nevill e Holder, 1999; Pollard, 2006a).

2.3.4. Factor “Regras”

Finalmente, quanto à possibilidade da vantagem em casa ser influenciada pela utilização das regras em proveito próprio, foi verificado que só alguns desportos como o Basebol ou o Softball podem tirar benefícios da situação (Courneya e Carron, 1990 cit. Courneya e Carron, 1992).

No Futebol e no Basquetebol, onde a influência do “factor casa” parece ser mais evidente, o factor “regras” não parece favorecer qualquer das equipas (Silva, 2002), desempenhando um papel insignificante apenas num reduzido número de desportos (Nevill e Holder, 1999).

Os dados que permitiram chegar a estas conclusões são relativos aos estudos efectuados até 1992, visto que posteriormente nenhuma investigação foi realizada com vista a analisar o impacto da diferença das regras na vantagem de jogar em casa (Carron *et al.*, 2005).

No entanto, ainda houve a referência à possibilidade da alteração do número de substituições possíveis durante um jogo e da alteração de pontuação por vitória poder influenciar de algum modo o “factor casa” (Pollard, 2006a), mas as variáveis são difíceis de isolar e investigar.

Em suma, de entre as diversas causas apontadas para o “Factor Casa” algumas das mais discutidas são os efeitos do público e da familiaridade com as instalações (nomeadamente com o terreno de jogo), havendo estudos em menor número acerca do papel das viagens. No entanto, as conclusões não são todavia consistentes (Marcelino *et al.*, 2009).

Dadas as diferenças no apoio dos adeptos, no que concerne aos jogos em casa e aos jogos fora de casa, o público torna-se claramente numa das principais causas da vantagem de jogar em casa (Page e Page, 2007).

2.4. Investigações acerca dos Estados Psicológicos dos Intervenientes no Jogo

A terceira direcção tomada pelos investigadores tentou responder à pergunta “porquê?”, no sentido de tentar explicar porque é que a vantagem de jogar em casa ocorria. Para tal, relacionou-se a localização do jogo (casa ou fora) com os estados psicológicos dos intervenientes no jogo (jogadores, treinadores e árbitros).

2.4.1. Estados Psicológicos dos Jogadores

Pouca investigação foi realizada acerca dos estados psicológicos dos jogadores até 1992 (Carron *et al.*, 2005).

No entanto, através dos resultados reunidos, pensou-se ser provável que os jogadores percepcionassem estados diferentes quando jogavam em casa e quando jogavam fora, tendo a noção de que apresentavam uma melhor performance em casa, perante um público activo e apoiante. Isto aconteceria talvez porque os jogadores sentir-se-iam mais motivados e confiantes quando jogavam nas próprias instalações. Por outro lado, jogar em casa também poderia provocar nos jogadores alguns efeitos negativos, tais como um aumento de pressão para vencer exercida pelo público (Jurkovic, 1985 cit. Silva, 2002).

Na investigação acerca do “Factor Casa” pode verificar-se que poucos foram os trabalhos realizados em que os atletas participassem de forma activa no processo de pesquisa e, como tal, só há pouco tempo é que se determinou que muitos atletas acreditam realmente ter vantagem quando jogam em casa porque sentem uma maior eficácia colectiva. Estes estados parecem ser resultado da familiaridade com as instalações e do apoio do público adepto à equipa visitada (Bray e Widmeyer, 2000).

Dados adicionais mostraram que os jogadores se sentiriam menos ansiosos, mais motivados e com melhor capacidade de concentração quando jogavam em casa relativamente aos jogos fora de casa (Bray e Widmeyer, 1995 cit. Carron *et al.*, 2005).

Num estudo posterior, concluiu-se que os jogadores acreditavam que a auto-confiança desempenhava um papel fundamental para uma melhor performance em casa que fora, mas que o excesso de confiança, em jogos em casa, seria uma desvantagem para eles (Bray *et al.*, 1998 cit. Carron *et al.*, 2005).

De facto, Courneya e Carron aperceberam-se desse estado psicológico que foi examinado de uma perspectiva da localização do jogo e que pode ser afectado por ela: a confiança do jogador. Jurkovic (1983, cit. Nevill e Holder, 1999) inicialmente reuniu algumas evidências de que as multidões de adeptos da equipa da casa eram capazes de aumentar a confiança dos jogadores, levando-os a melhores performances, quando estes contavam com o seu apoio efusivo.

Como o “factor casa” é um fenómeno colectivo, a percepção dos membros da equipa sobre a confiança partilhada nas capacidades da própria equipa [eficácia colectiva (Bandura, 1997 cit. Bray e Widmeyer, 2000)] é um conceito importante na performance da mesma e/ou na sua influência no “factor casa” (Bray e Widmeyer, 2000).

De facto, Bray *et al.* (2002) salientando a importância da teoria de Bandura, analisaram os estados psicológicos dos atletas e o “factor casa”, concluindo que, antes dos jogos em casa, eles apresentaram menor ansiedade cognitiva e somática e maior auto-confiança e auto-eficácia do que antes dos jogos fora.

Em suma, Carron *et al.* (2005) mostraram a existência de diversos estudos que identificam mais estados psicológicos positivos (auto-confiança e vigor) quando os jogadores jogam em casa do que quando jogam fora e de outros em que parece haver evidências de que esses estados psicológicos, como por exemplo, os estados de humor, a ansiedade cognitiva e somática e a auto-confiança, não diferem mediante a localização da competição.

Estas contradições devem, pois, levar a uma investigação mais alargada neste campo.

Portanto, talvez fosse importante analisar mais aprofundadamente, não só os diversos estados psicológicos, mas também a percepção dos atletas face aos factores de localização do jogo que eles acreditam influenciar realmente a performance da sua equipa.

E é o que se pretende fazer ao longo deste trabalho monográfico.

2.4.2. Estados Psicológicos dos Treinadores

Apenas um estudo avaliou os estados psicológicos dos treinadores (Carron *et al.*, 2005). E nele, Gayton *et al.* (2001, cit. Carron *et al.*, 2005) demonstraram que os treinadores acreditam que a familiaridade com as instalações, as viagens, o apoio do público, a tendência dos árbitros e as expectativas de auto-satisfação contribuem para a vantagem caseira das suas equipas e dos seus jogadores.

Dos factores indicados, a familiaridade com as próprias instalações foi o que maior importância recebeu, ao contrário da tendência dos árbitros cujo efeito teria menor importância no “factor casa”. Estes resultados encontrados são consistentes entre diversos desportos e para treinadores masculinos e femininos.

2.4.3. Estados Psicológicos dos Árbitros

Apesar de ser cada vez maior o número de estudos que exploram a dualidade “factor casa”-árbitro (Downward e Jones, 2007), não foi encontrada qualquer investigação publicada que avaliasse os estados psicológicos dos árbitros (Carron *et al.*, 2005).

Além destes estudos realizados acerca dos intervenientes do jogo (jogadores, treinadores e árbitros), outros revelaram ainda que a importância do jogo em questão também pode influenciar os seus estados psicológicos, levando-os a um estado de ansiedade superior ao normal (Baumeister, 1995 cit. Brown *et al.*, 2002). No entanto, é necessária uma maior e mais aprofundada investigação para o corroborar.

“Equipas que jogam em casa são sempre mais agressivas. Há sempre qualquer coisa que os mantém a lutar.”

Joe Scott, treinador da equipa masculina da Universidade de Denver, E.U.A. (Hoover, 2009)

2.5. Investigação acerca dos Estados Comportamentais dos Intervenientes no Jogo

Ainda dentro da terceira direcção adoptada na investigação do “factor casa”, os estudiosos tentaram perceber “porque” é que a vantagem de jogar em casa ocorria, relacionando o local do jogo não com os estados psicológicos mas com os estados comportamentais dos diversos intervenientes no jogo (jogadores, treinadores e árbitros).

2.5.1. Estados Comportamentais dos Jogadores

Os estados comportamentais dos jogadores receberam até agora pouca atenção, apesar de poderem ser um dos factores mais relacionados com o resultado da performance (Carron *et al.*, 2005).

Na sua revisão, Courneya e Carron (1992) referem que a agressividade foi o comportamento mais estudado e que os investigadores por vezes confundiram comportamento assertivo com comportamento agressivo.

Um dos estudos revelou não haver diferenças no nível de agressividade das equipas quando jogam em casa ou fora, mas no tipo de agressividade. Essa agressividade pode ser funcional - quando aumenta as probabilidades de chegar à vitória - ou disfuncional - quando diminui essas possibilidades (Varca, 1980 cit. Courneya e Carron, 1992).

Noutro dos estudos, McGuire *et al.* (1992) detectaram que os jogadores da equipa da casa foram mais agressivos durante os jogos que ganharam, enquanto os jogadores da equipa visitante foram mais agressivos durante os jogos que perderam. Assim, quando se verificam elevados níveis de agressividade, o resultado parece favorecer a equipa da casa.

Em suma, é necessário centrar mais atenção na investigação dos comportamentos dos jogadores já que estes poderão estar, em último caso, associados às estatísticas das performances e aos resultados finais dos jogos, que representam efectivamente o efeito da vantagem de jogar em casa. E mesmo no que diz respeito à investigação do comportamento agressivo, há ainda larga margem de progressão (Carron *et al.*, 2005).

2.5.2. Estados Comportamentais dos Treinadores

Apesar da referência do modelo de Courneya e Carron à importância dos treinadores como intervenientes na *home advantage*, os seus estados comportamentais continuam por explorar e investigar, já que apenas um artigo se encontra publicado (Carron *et al.*, 2005).

Dennis e Carron (1999) estudaram as decisões tácticas e estratégicas dos treinadores de Hóquei em Gelo em função da localização do jogo e verificaram que eles implementavam propositadamente estratégias e tácticas mais assertivas, ofensivas e práticas quando jogavam em casa, comparativamente com as usadas fora de casa. Como tal, estas decisões e opções poderiam cativar o público adepto, levando-o a incentivar a equipa a melhores performances. Então, parece que as decisões do treinador acabavam por influenciar o desempenho da sua equipa e o próprio “factor casa”.

Além disso, não se pode esquecer que as decisões tomadas pelo treinador antes do jogo dependem das características e da importância do mesmo, dos adversários, dos próprios jogadores e de outros factores inerentes e, posteriormente, acabam por influenciar em grande escala os comportamentos dos seus jogadores e da equipa, durante o jogo.

Então, pode-se dizer que também assume um papel importante a forma como as equipas visitada e visitante encaram o jogo, apesar de elas próprias não estarem relacionadas com outros factores (Dennis e Carron, 1999).

Então, pode-se dizer que as investigações acerca dos comportamentos dos treinadores está ainda em fase inicial e poderá vir a abranger futuramente as manifestações comportamentais dos treinadores dentro e fora do campo (Carron *et al.*, 2005).

2.5.3. Estados Comportamentais dos Árbitros

Os estados comportamentais dos árbitros receberam considerável atenção por volta de 1992 (Carron *et al.*, 2005). Até aquela data, pensava-se que as decisões subjectivas dos árbitros pareciam favorecer a equipa da casa e prejudicar a equipa visitante, talvez pela influência/pressão exercida pelo público (Courneya e Carron, 1992). A investigação recente mostra que, nas modalidades desportivas com arbitragem subjectiva, as equipas tendem a experimentar uma maior vantagem quando jogam em casa (Boyko *et al.*, 2007).

De facto, Nevill *et al.* (1996) confirmaram que os árbitros tomam mais decisões subjectivas a favor da equipa da casa, em detrimento da visitante, parecendo aumentar essa tendência em divisões com assistências elevadas.

Pensa-se que as decisões dos árbitros podem ser influenciadas pelo ruído dos adeptos (Boyko *et al.*, 2007). Quando não há reacção por parte do público, a tendência em favor da equipa da casa parece desaparecer, nomeadamente no menor rigor e severidade com que assinalam as faltas contra a equipa visitante. Este tipo de comportamentos está obviamente interligado com os estados psicológicos dos árbitros.

Nessa sequência, Nevill, Balmer e Williams (2002, cit. Carron *et al.*, 2005) investigaram as decisões dos árbitros na presença e ausência de ruído por parte do público e mostraram que os referidos árbitros assinalaram menos faltas contra a equipa da casa quando o ruído era notório por parte dos espectadores do que quando se registava silêncio da parte destes. No entanto, apesar do ruído, a equipa visitante não era penalizada mais vezes.

E em lances de mais difícil julgamento, os árbitros parecem não conseguir ser objectivos e recorrem à orientação dos espectadores para tomar a decisão final (Nevill *et al.*, 1999).

Assim sendo, os resultados indicam que a presença de ruído por parte da assistência faz reduzir o número de faltas assinaladas contra a equipa visitada mas não faz aumentar o número de infracções assinaladas contra a equipa forasteira.

Guiados por estes dados, alguns resultados confirmam que os árbitros são responsáveis por alguma da vantagem de jogar em casa na Primeira Liga

Inglesa (English Premier League) e sugerem que o “factor casa” depende das decisões subjectivas dos árbitros, que variam de uns para os outros (Boyko *et al.*, 2007).

No entanto, alguns trabalhos, como o de Sumner e Mobley (1981, cit. Carron *et al.*, 2005), surpreenderam ao sugerir que, como na maioria dos casos as equipas da casa jogam melhor e as visitantes pior, o que pode parecer uma tendência da equipa de arbitragem pode simplesmente ser um reflexo directo do verdadeiro comportamento dos jogadores visitantes, nomeadamente o de agressividade disfuncional.

Além disso, o facto das equipas que jogam em casa poderem permanecer mais tempo que os seus adversários em fase ofensiva e criar mais situações de finalização, pode ser a causa de um grande número de decisões dos árbitros assinaladas em seu favor como, por exemplo, as grandes penalidades (Koyama e Reade, 2009).

Outras investigações, como a de Dennis, Carron e Loughhead (2002, cit. Carron *et al.*, 2005), revelaram também não encontrar provas da tendência dos árbitros para beneficiar a equipa da casa (e, como tal, nenhuma influência destes no “factor casa”). Elas parecem mostrar que os árbitros simplesmente erram em igual número de decisões a favor da equipa da casa como da equipa visitante.

Em suma, pode verificar-se que a investigação nesta área continua a evidenciar e a demonstrar a complexidade do “factor casa” (Carron *et al.*, 2005).

A maior parte das investigações nesta área debruçaram-se acerca da relação entre a localização do jogo e a performance ou entre os factores de localização do jogo e a mesma performance.

Como tal, a pesquisa acerca da influência do local do jogo nos estados psicológicos dos jogadores recebeu apenas uma modesta atenção, talvez devido à dificuldade em quantificá-los.

No entanto, parte-se do princípio que, se os jogadores acreditarem na existência do “factor casa”, é provável que aumente a sua confiança ao jogar

em casa, contribuindo consequentemente para a existência do referido fenómeno (Silva e Moreira, 2008).

Se se considerar que a vantagem de jogar em casa no Futebol é como uma ideia criada pelo homem, neste caso pelos jogadores, com interacção na sociedade desportiva (através de opiniões e suposições de adeptos, dirigentes, jogadores, treinadores e jornalistas), essa ideia vai-se integrando através de uma habituação das pessoas (Berger e Luckmann, 2004 cit. Fiqueli, 2008).

No que diz respeito à influência da localização da competição na relação entre os estados comportamentais dos jogadores e dos árbitros e a performance, já houve um pouco mais de investigação, apesar do impacto do local do jogo no estado comportamental dos treinadores ainda permanecer sem grande investigação (Dennis e Carron, 1999).

Outros factores foram ainda estudados, nomeadamente a qualidade relativa e o poder das equipas visitante e visitada (em termos das habilidades motoras e capacidades individuais dos jogadores), a coesão e o *momentum* psicológico da equipa, as indicações dos treinadores, o significado e/ou a posição do jogo no calendário da competição (Morley e Thomas, 2005), a alteração dos níveis de testosterona como indicador de defesa territorial dos jogadores da equipa da casa, o tipo de bola fornecida pela equipa visitada e a adopção de uma estratégia/táctica mais defensiva e cautelosa pela equipa visitante (Pollard, 1986 cit. Silva e Moreira, 2008).

Com esta enorme diversidade de causas e de condicionantes, a *Home Advantage* demonstra ser um fenómeno complexo, no qual não é possível identificar apenas um factor responsável pelo padrão de vantagens observado e registado através das diferentes modalidades desportivas, através das diversas ligas e através dos tempos (Koyama e Reade, 2009).

2.6. Considerações acerca do modelo de Courneya e Carron

Apesar do modelo conceptual de Courneya e Carron ter organizado e dado relevo às componentes que mais vantagem poderiam permitir à equipa que joga em casa durante a competição, simplificando e tentando explicar este

fenómeno, e apontado direcções para futuras investigações, ele, tal como todos os outros modelos, não conseguiu capturar verdadeiramente a complexidade do “factor casa”. Aliás, deu-nos uma imagem estática daquilo que é um conceito dinâmico e sugeriu relações lineares e unidireccionais quando as relações recíprocas fazem mais sentido (Carron e Hausenblas, 1998; Carron *et al.*, 2005)

Como tal, Carron *et al.* (2005) sugerem alterações a esse modelo, retirando e introduzindo componentes e reduzindo a importância dada a outras. Mais concretamente, eles sugerem a inclusão dos “Estados Fisiológicos” (ver figura 2) como uma das componentes do “factor casa”. Isto deve-se ao facto de, em alguns estudos realizados, se verificar que os níveis de testosterona estão mais elevados antes dos jogos em casa em relação aos jogos fora de casa e noutros se detectar a influência do *jet lag* no decurso de um jogo fora de casa.

Apesar de ser necessária uma elevada quantidade de provas que sustentem a influência dos estados fisiológicos no fenómeno “factor casa”, a sugestão foi realizada para encorajar a uma futura investigação dos estados fisiológicos dos jogadores e dos treinadores (Carron *et al.*, 2005).

Portanto, é sugerida a inclusão deste parâmetro no referido modelo por parecer haver uma relação entre os estados fisiológicos apresentados pelos jogadores e a localização do jogo.

Outra das sugestões apontadas, sendo uma das que mais diverge do modelo anterior, diz respeito à eliminação dos “Árbitros”. Não é que eles não contribuam para a vantagem de jogar em casa, mas, ao contrário dos jogadores e dos treinadores, eles não têm um estatuto de visitado ou de visitante. Como tal, as relações com as várias componentes não podem ser directamente testadas nos árbitros. No entanto, os seus comportamentos podem ser considerados como variáveis moderadoras que, por sua vez, podem influenciar indirectamente as relações que envolvem jogadores e treinadores.

A última sugestão apontada por Carron *et al.* (2005) diz respeito à diminuição da importância dada ao factor das “Regras” (ou mesmo eliminação do modelo), visto que são raros os desportos onde elas concedem alguma vantagem à equipa da casa. Aliás, no único estudo realizado para detectar a sua influência na vantagem de jogar em casa não se descobriu qualquer efeito das regras.

Assim sendo, após as referidas alterações, o modelo estrutural de investigação sugerido por estes autores apresentar-se-ia conforme a Figura 2.



Figura 2 - Modelo estrutural da investigação centrada na vantagem em casa (adaptado de Carron, Loughhead e Bray, 2005)

Resumindo, o modelo inicial de Courneya e Carron levou a uma clara expansão do conhecimento acerca do “factor casa”, principalmente na última década, mais concretamente acerca dos factores de localização do jogo e dos estados comportamentais e psicológicos dos diferentes intervenientes no mesmo. E mesmo sem a inclusão das alterações sugeridas, este modelo conceptual continua a desafiar os investigadores a procurar não só os efeitos independentes das suas componentes mas, cada vez mais, o seu efeito conjunto e a complexidade da relação entre as diversas variáveis associadas à localização da competição (Carron *et al.*, 2005).



Capítulo 3: Objectivos e Hipóteses

3. OBJECTIVOS E HIPÓTESES

3.1. Objectivos

Segundo o enquadramento do tema, foram definidos os seguintes objectivos para o presente estudo:

3.1.1. Objectivo geral:

➤ Analisar a evolução do “Factor Casa”, nos últimos anos, nos 3 principais campeonatos portugueses, comparando-a com a evolução do mesmo fenómeno nas principais ligas europeias de Futebol.

3.1.2. Objectivos específicos:

➤ Identificar a percepção dos jogadores das I e II Ligas Portuguesas de Futebol e da II Divisão Nacional (II Divisão B) acerca da influência da localização de jogo no resultado desportivo;

➤ Averiguar a percepção dos referidos jogadores acerca dos estados psicológicos e comportamentais que eles próprios experimentam nos jogos em casa e nos jogos fora;

➤ Relacionar a idade dos jogadores, a liga que disputam e o tempo como jogadores profissionais com a importância dada ao “factor casa”;

➤ Averiguar as percepções dos jogadores quanto à fase do jogo mais beneficiada pelo “factor casa”, para uma equipa visitada, e a mais prejudicada, para uma equipa visitante, pelo referido fenómeno.

3.2. Hipóteses

Guiados por estes objectivos, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: A importância do “factor casa” no Futebol, avaliada através da expressão do resultado desportivo (vitória, empate e derrota), tem vindo a diluir-se, não só em Portugal mas por toda a Europa;

Hipótese 2: Os jogadores que disputam a I Liga atribuem maior importância ao “factor casa” do que os que disputam a II Liga e a II Divisão Nacional (II Divisão B);

Hipótese 3: Com o aumento da idade, a importância dada pelos jogadores ao “factor casa” diminui;

Hipótese 4: Conforme aumenta o tempo como jogador profissional, a importância dada ao “factor casa” diminui;

Hipótese 5: O factor de localização de jogo que os jogadores percebem como exercendo maior influência sobre o “factor casa” é o público;

Hipótese 6: Os jogadores experimentam diferentes estados psicológicos nos momentos anteriores aos jogos disputados em casa e fora de casa;

Hipótese 7: Os jogadores experimentam estados comportamentais semelhantes nos momentos anteriores aos jogos disputados em casa e fora de casa;

Hipótese 8: A fase de jogo que os atletas percebem como sendo a mais beneficiada pelo “factor casa”, quando jogam em sua casa, é o ataque;

Hipótese 9: A fase de jogo que os atletas percebem como sendo a mais prejudicada pelo “factor casa”, quando jogam na condição de visitantes, é o ataque.



Capítulo 4: Material e Métodos

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1. Caracterização da amostra

A amostra do presente trabalho é constituída por 220 jogadores, pertencentes a 10 equipas dos 3 principais campeonatos portugueses de Futebol.

Os indivíduos questionados apresentam uma média de idades de 25 anos e uma experiência como jogadores profissionais, em média, de cerca de 7 anos.

Se se considerar que cada equipa possui, em média, cerca de 25 jogadores no seu plantel, a referida amostra corresponde a 21% dos jogadores da I Liga, 23% dos jogadores da II Liga e a 3,8% dos jogadores da II Divisão Nacional (II Divisão B).

No Quadro 2 é possível constatar as equipas a que pertencem os indivíduos e os respectivos campeonatos que disputam.

Quadro 2 – Constituição da amostra do estudo.

DIVISÃO	EQUIPA	Nº DE JOGADORES INQUIRIDOS	TOTAL
I Liga	Clube Sport Marítimo	18	84
	Futebol Clube Paços de Ferreira	30	
	Rio Ave Futebol Clube	18	
	Vitória Sport Clube	18	
II Liga	Clube Desportivo das Aves	26	92
	Futebol Clube de Penafiel	21	
	Gondomar Sport Clube	22	
	Sport Clube Freamunde	23	
II Divisão Nacional (II Divisão B)	Futebol Clube Tirsense	22	44
	Sporting Clube de Espinho	22	
			220

Não foi possível reunir uma amostra maior e mais relevante devido à pouca receptividade demonstrada por alguns clubes das referidas divisões, apesar das várias tentativas encetadas para um acordo acerca da aplicação do referido questionário.

4.2. Recolha de dados

A recolha de dados foi levada a cabo presencialmente entre os dias 20 de Novembro de 2008 e 10 de Setembro de 2009, exceptuando o caso dos questionários dos jogadores do Clube Sport Marítimo que foram enviados por correio postal.

4.3. Instrumento

Para reunir os dados necessários à elaboração deste estudo foi necessário recorrer a dois instrumentos distintos:

i) o primeiro deles diz respeito à aplicação de um questionário (Anexo IV), elaborado e validado para a tese monográfica de Fontes (2007), que tem por base as categorias do *framework* (modelo estrutural de investigação) formulado por Courneya e Carron (1992).

O referido questionário é anónimo e é constituído por 9 questões. Para algumas delas é apresentada a resposta possível segundo uma escala que nos indica o grau de importância (de 1 a 5) de cada variável para o inquirido. Para outras, é exigida simplesmente a escolha de uma resposta dentro das várias possíveis.

ii) o segundo método diz respeito à recolha de dados (via internet) acerca das classificações gerais dos 3 principais campeonatos portugueses de Futebol, de forma a ser possível calcular o “factor casa”.

Com as classificações procurou-se obter o número de pontos totais conquistados, o número de vitórias e o número de empates, tanto em casa como fora, de cada uma das equipas das 3 divisões em estudo.

Posteriormente, foi utilizado o método de Pollard (1986) para o cálculo do “factor casa”, o qual consiste em dividir o número de pontos obtidos por uma equipa em casa pelo número total de pontos obtidos no final do campeonato por essa mesma equipa. Em seguida esse valor é multiplicado por 100 e obtém-se o valor do “Factor Casa” expresso em percentagem (conforme Figura 3).

$$\text{“FACTOR CASA”} = (\text{nº pontos em casa} / \text{nº total de pontos}) \times 100$$

Figura 3 – Fórmula para cálculo do “Factor Casa” (adaptado de Pollard, 1986)

4.4. Tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados recorreu-se à Estatística Descritiva (Média, Desvio-Padrão, Máximo e Mínimo) e a tabelas de Frequências Absoluta e Relativa.

Mediante uma análise exploratória dos dados, verificou-se que a amostra é reduzida, o que exige o recurso a testes não paramétricos. Uma vez que a distribuição das diferenças entre os membros de um par de variáveis segue uma distribuição normal, recorreu-se ao teste não paramétrico de Wilcoxon.

O nível de confiança utilizado foi o de $p \leq 0,05$.

Na análise e tratamento informático dos dados foram utilizados os programas SPSS, versão 17.0, e Microsoft Office Excel 2007.



Capítulo 5: Apresentação e Discussão dos Resultados

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em função dos objectivos iniciais, este capítulo foi organizado da seguinte forma: (i) mostrar a evolução do “factor casa” nos últimos anos nos 3 principais campeonatos portugueses e enquadrá-la no panorama europeu; (ii) identificar a percepção dos jogadores das I e II Ligas e da II Divisão Nacional (II Divisão B) acerca da influência do local de jogo no resultado desportivo e (iii) dos estados psicológicos e (iv) comportamentais que os atletas experimentam (nos jogos em casa e fora de casa); (v) apresentar uma relação entre a idade do jogador, a liga em que joga e a experiência como jogador profissional com a importância dada ao “factor casa”; e finalmente (vi) averiguar as percepções dos jogadores quanto à fase do jogo mais beneficiada pelo “factor casa”, para uma equipa visitada, e a mais prejudicada, para uma equipa visitante, pelo referido fenómeno.

5.1. Evolução do “Factor Casa”

Para melhor se compreender a evolução da vantagem de jogar em casa em Portugal, decidiu-se analisar e calcular o “factor casa” nas 3 principais divisões portuguesas:

- I Liga (actualmente designada por Liga Sagres);
- II Liga (actualmente designada por Liga Vitalis);
- II Divisão Nacional (II Divisão B).

5.1.1. “Factor Casa” na I Liga Portuguesa

Com os dados recolhidos, relativamente às épocas desportivas de 2006/2007 a 2008/2009, foi possível adaptar a tabela de Fontes (2007) e construir uma nova (ver Anexo V) relativamente ao “factor casa” na I Liga Portuguesa desde a época 1986/1987 até à de 2008/2009.

Nesta é possível atestar a já visível tendência para o declínio no “factor casa” na principal liga portuguesa de Futebol, apresentando, no período estudado, o seu valor máximo na época 1991/1992 (70,808%) e o seu valor mínimo na de 2006/2007 (57,798%). Além do mais, pode-se verificar também que o valor médio de “factor casa” desceu de 68,932% na época de 1986/1987 para 58,689% na de 2008/2009, isto é, no período de 23 épocas desportivas o “factor casa” diminui 10 pontos percentuais, tal como verificado anteriormente por Fontes (2007).

No cômputo geral destas 23 épocas contabilizadas, o “factor casa” apresenta o valor médio de 64,825%.

É também observável na Figura 4 a tendência do “factor casa” na referida liga, constatando-se ao longo do tempo um decréscimo progressivo e gradual.

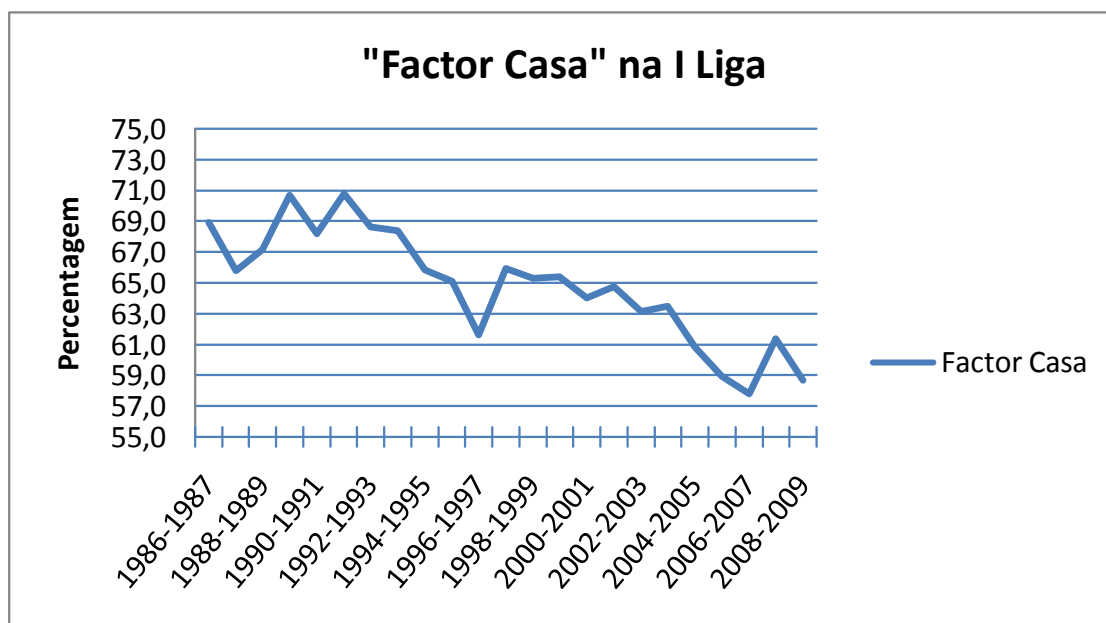


Figura 4 – “Factor Casa” nos Campeonatos da I Liga Portuguesa de Futebol de 1986/1987 a 2008/2009.

5.1.2. “Factor Casa” na II Liga Portuguesa

Usando também como base uma tabela de Fontes (2007), acerca do “factor casa” nos campeonatos da II Liga Portuguesa de Futebol de 1990/1991 a 2005/2006, foi possível elaborar outra que englobasse ainda as épocas desportivas de 2006/2007 a 2008/2009 (Anexo VI).

É possível visualizar na Figura 5, tal como se constata na referente ao “factor casa” da I Liga (Figura 4), uma tendência para o declínio deste fenómeno, apesar de existir uma maior irregularidade nos valores médios (e consequentemente na curva descrita), quando comparados com os da I Liga Portuguesa de Futebol.

A vantagem de jogar em casa apresenta, no período analisado, o seu valor máximo na época de 1993/1994 (73,365%) e o seu valor mínimo, tal como na I Liga, na de 2006/2007 (57,078%), aproximando-se de um valor médio de 66,078%.



Figura 5 – “Factor Casa” nos Campeonatos da II Liga Portuguesa de Futebol de 1990/1991 a 2008/2009.

5.1.3. “Factor Casa” na II Divisão Nacional (II Divisão B)

Na pesquisa efectuada via internet, não foram encontrados quaisquer dados ou cálculos relativos ao “factor casa” na II Divisão Nacional. Como tal, foi necessário reunir o máximo possível de informações referentes às classificações gerais de cada época para um cálculo rigoroso e fiável.

No entanto, há que salientar os seguintes aspectos:

- Não foi encontrada uma classificação geral detalhada da época 1996/1997. Como tal, não foi possível calcular o “factor casa” neste período;
- Nas épocas 1999/2000 e 2000/2001 não se encontraram classificações detalhadas dos campeonatos das Zonas Centro e Sul;

- Na época 2007/2008 não se contabilizaram os dados relativos à equipa de Futebol Clube do Marco por ter sido suspensa da competição (Série B);
- Na época 2008/2009 não se contabilizaram os dados relativos à equipa do Abrantes Futebol Clube por ter sido desclassificado da Série C.

Após a elaboração de uma tabela relativa ao “factor casa” na II Divisão Nacional (II Divisão B), entre as épocas de 1995/1996 e 2008/2009 (Anexo VII), pode-se detectar uma diminuição gradual nos valores médios do “factor casa”.

É de salientar o valor máximo, encontrado na época 1999/2000, de 67,754% e o valor mínimo, na de 2006/2007, de aproximadamente 59,565% (conforme Figura 6). A média de valores do “factor casa” durante o período referido é de 63,326%.



Figura 6 – “Factor Casa” nos Campeonatos da II Divisão Nacional (II Divisão B) de 1995/1996 a 2008/2009.

➤ Reunindo os resultados apurados das últimas épocas dos 3 principais campeonatos portugueses de Futebol, é possível verificar que:

- existe realmente vantagem em jogar em casa em qualquer nível de competição, tal como foi afirmado ao longo dos últimos anos por vários autores (Schwartz e Barsky, 1977; Silva e Andrew, 1987; Courneya e Carron, 1992; McGuire *et al.*, 1992; Nevill *et al.*, 1996; Bray e Widmeyer, 2000; Pollard, 2002; Sampaio e Janeira (2005));
- em todas as divisões é evidente uma diminuição progressiva dos valores médios do “factor casa” ao longo do tempo;
- é na II Liga que se encontram os valores mais elevado e mais reduzido para o “factor casa”;
- curiosamente o valor mínimo para o “factor casa” nas 3 divisões foi encontrado na época 2006/2007;
- é possível comparar os valores médios do “factor casa” no Futebol português com os registados nas principais ligas europeias de Futebol como, por exemplo, na Inglaterra, afirmando ser idêntica a diminuição registada ao longo do tempo (Pollard, 2006a; Jacklin, 2005 cit. Fontes, 2007; Koyama e Reade, 2009);
- os valores médios calculados para o “factor casa” nos 3 campeonatos (64,825%, 66,078 e 63,326% respectivamente para I Liga, II Liga e II Divisão) estão próximos da média das ligas europeias, que era de 64% (Courneya e Carron, 1992) e semelhantes entre si, tal como nas 4 principais ligas inglesas de Futebol (Pollard, 2006a).

5.2. Significado do “Factor Casa” para os jogadores

Com o intuito de averiguar as opiniões dos jogadores das 3 principais divisões portuguesas de Futebol acerca do papel do “factor casa” e do seu significado, questionámo-los acerca da importância deste para o rendimento **de uma** equipa de Futebol e para o rendimento **da sua** equipa.

As respostas, tal como será verificado ao longo do trabalho, não foram muito diferentes, mas não foram as mesmas.

5.2.1. Importância do “Factor Casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol

No Quadro 3 são apresentados os resultados relativos à importância que os jogadores atribuem ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral.

Quadro 3 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral.

		Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol					Total
		Nada importante	Pouco importante	Moderadamente importante	Importante	Muito importante	
I Liga	N	0	1	8	43	32	84
	%	0%	0,5%	3,6%	19,5%	14,5%	38,2%
II Liga	N	2	3	11	48	28	92
	%	0,9%	1,4%	5,0%	21,8%	12,7%	41,8%
II Divisão B	N	0	0	7	24	13	44
	%	0%	0%	3,2%	10,9%	5,9%	20,0%
TOTAL	N	2	4	26	115	73	220
	%	0,9%	1,8%	11,8%	52,3%	33,2%	100%

Pode-se verificar que 52,2% dos indivíduos referem que o “factor casa” é importante e 33,2% que é muito importante para o aumento de rendimento de uma equipa de Futebol, o que perfaz um total de 85,5%.

Salienta-se também que 21,8% dos inquiridos, pertencentes à II Liga, e 19,5%, pertencentes à I Liga, responderam que o “factor casa” é “importante” (conforme Figura 7).

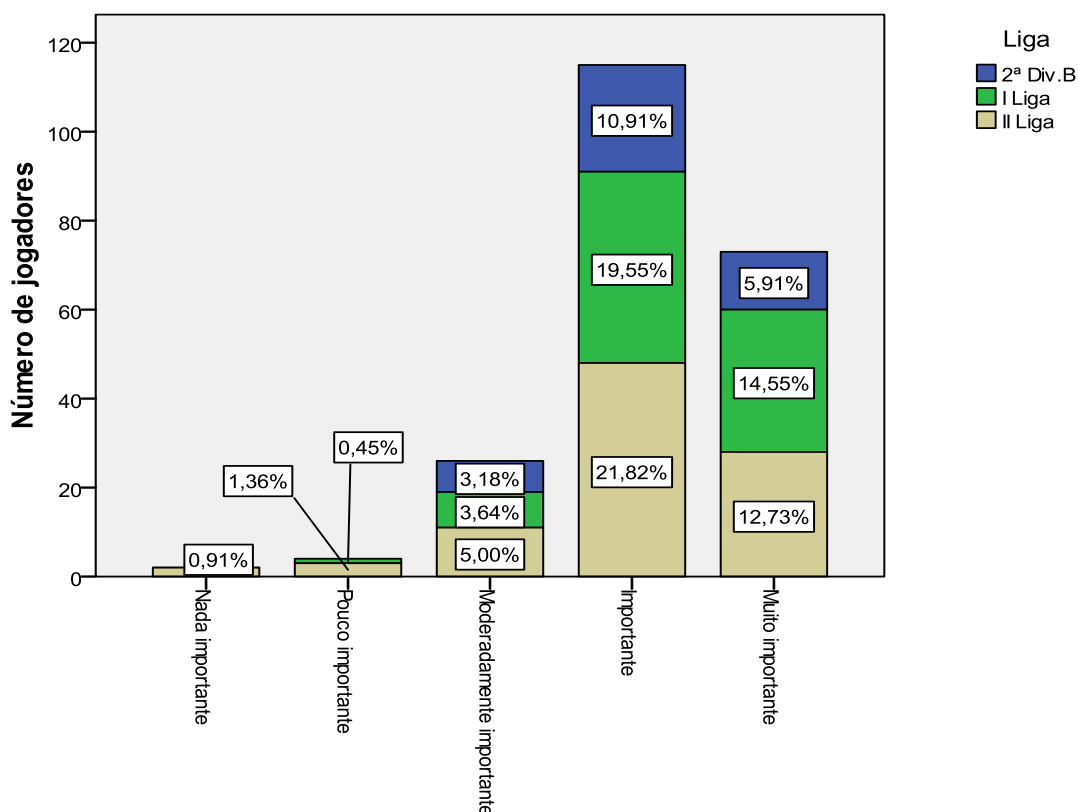


Figura 7 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol.

Na figura anterior pôde verificar também a distribuição dos resultados, evidenciando-se uma percentagem superior de respostas dos jogadores das várias divisões na categoria “importante”.

É possível constatar pelo Quadro 4 que, em cada um dos campeonatos, mais de metade (50%) dos inquiridos referiu que o “factor casa” é importante, ou seja, 51,2% dos jogadores na I Liga, 52,2% na II Liga e 54,5% na II Divisão atribuem claramente importância à vantagem de jogar em casa.

E mais de 80% situou as suas respostas entre o “importante” e o “muito importante” (89,3% na I Liga, 82,6% na II Liga e 84% na II Divisão Nacional)..

Quadro 4 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral: percentagens dentro de casa divisão.

			Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol					Total
			Nada importante	Pouco importante	Moderadamente importante	Importante	Muito importante	
Liga	I Liga	N	0	1	8	43	32	84
		% na I Liga	0,0%	1,2%	9,5%	51,2%	38,1%	100,0%
	II Liga	N	2	3	11	48	28	92
		%na II Liga	2,2%	3,3%	12,0%	52,2%	30,4%	100,0%
	II Div. B	N	0	0	7	24	13	44
		% na II Divisão B	0,0%	0,0%	15,9%	54,5%	29,5%	100,0%
Total		N	2	4	26	115	73	220
		%	0,9%	1,8%	11,8%	52,3%	33,2%	100,0%

Finalmente, verifica-se que todas as categorias apresentadas como possibilidade de resposta foram seleccionadas, apesar de apenas 2 jogadores da II Liga terem respondido “nada importante” e 1 da I Liga e 3 da II Liga terem optado pela resposta “pouco importante”.

5.2.2. Importância do “Factor Casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol

Observa-se no Quadro 5 os resultados encontrados, com destaque para os 46,8% dos jogadores que consideram importante o “factor casa” para o rendimento da sua equipa de Futebol e para os 30% que consideram até muito importante.

Estes juntos perfazem um total de 76,9% dos inquiridos.

Quadro 5 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular.

Divisões		Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol					Total
		Nada importante	Pouco importante	Moderadamente importante	Importante	Muito importante	
I Liga	N	0	6	8	38	32	84
	%	0%	2,7%	3,6%	17,3%	14,5%	38,2%
II Liga	N	3	6	18	40	25	92
	%	1,4%	2,7%	8,2%	18,2%	11,4%	41,8%
II Divisão B	N	0	1	9	25	9	44
	%	0%	0,5%	4,1%	11,4%	4,1%	20,0%
TOTAL	N	3	13	35	103	66	220
	%	1,4%	5,9%	15,9%	46,8%	30%	100%

Em cada uma das divisões, mais de 43% dos inquiridos referiu que o “factor casa” é importante e mais de 70% situou as suas respostas entre o “importante” e o “muito importante” (conforme Quadro 6).

Quadro 6 – Importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular: percentagens dentro de casa divisão.

			Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol					Total
			Nada importante	Pouco importante	Moderadamente importante	Importante	Muito importante	
Liga	I Liga	N	0	6	8	38	32	84
		% na I Liga	0,0%	7,1%	9,5%	45,2%	38,1%	100,0%
	II Liga	N	3	6	18	40	25	92
		% na II Liga	3,3%	6,5%	19,6%	43,5%	27,2%	100,0%
	II Div.B	N	0	1	9	25	9	44
		% na II Divisão B	0,0%	2,3%	20,5%	56,8%	20,5%	100,0%
Total		N	3	13	35	103	66	220
		%	1,4%	5,9%	15,9%	46,8%	30,0%	100,0%

Na Figura 8 comprova-se igualmente a distribuição dos resultados, salientando-se rapidamente uma maior quantidade de respostas na categoria “importante”, seguida da “muito importante”.

Novamente, todas as categorias, apresentadas como possibilidade de resposta, foram seleccionadas, apesar de apenas 3 jogadores da II Liga terem respondido “nada importante” e 6 da I Liga, 6 da II Liga e 1 da II Divisão Nacional (II Divisão B) terem optado pela resposta “pouco importante”.

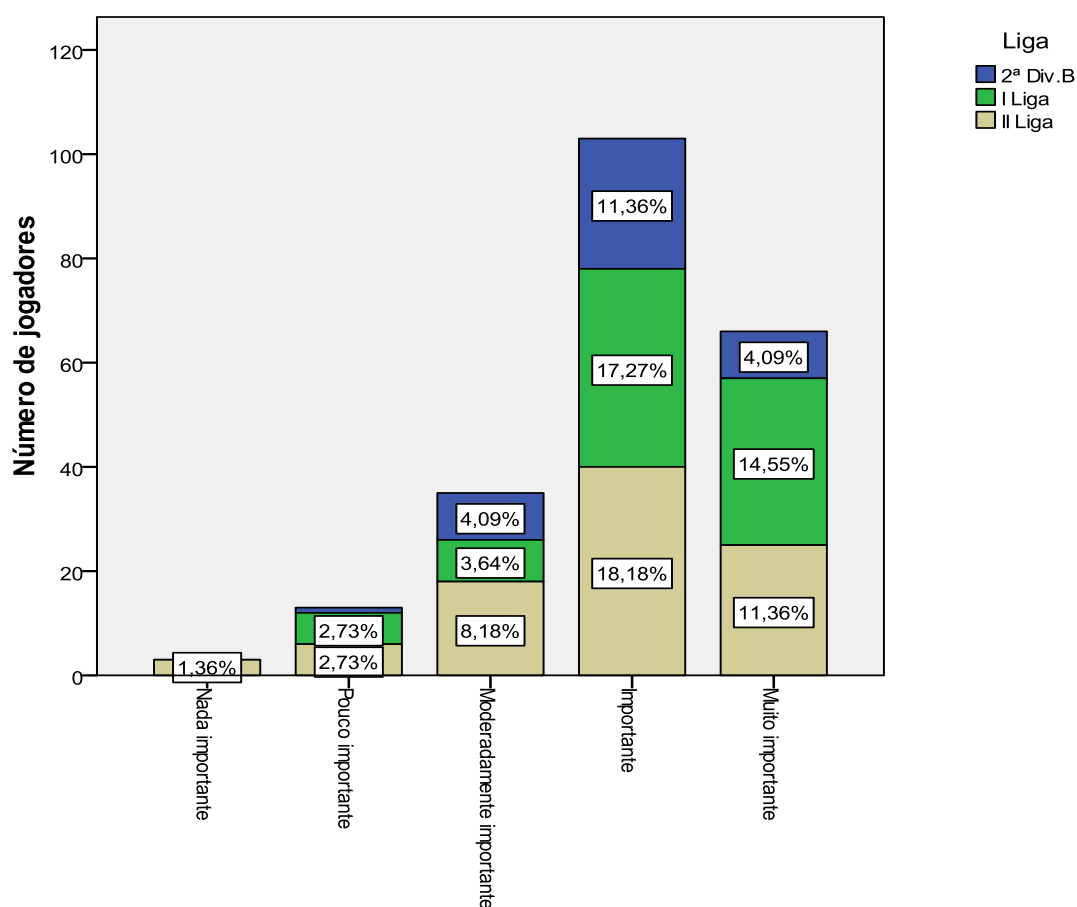


Figura 8 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol.

➤ No Quadro 7 são compilados os resultados obtidos em cada uma das questões formuladas no questionário acerca da importância do “factor casa” para o aumento do rendimento **de uma** e **da sua** equipa de Futebol.

É possível verificar que:

- todas as possibilidades de resposta foram seleccionadas pelos jogadores (de 1 a 5, ou seja, de “nada importante” a “muito importante”);
- a média em cada uma das questões aproxima-se do valor 4, o que equivale a considerar como importante o “factor casa” para o aumento de rendimento de uma equipa em geral e da sua própria equipa, sendo ligeiramente inferior o valor médio registado para a sua equipa em particular;
- Os jogadores atribuem maior importância ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral do que da sua própria equipa;
- 45 jogadores referiram que a importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa é menor do que para o aumento do rendimento duma equipa em geral. Este valor é estatisticamente significativo. Estes dados podem fazer duvidar da sinceridade das respostas dos jogadores, uma vez que acreditam que o “factor casa” é importante, mas menos importante para a sua própria equipa. Por outro lado, os jogadores podem considerar que a sua própria equipa apresenta outras qualidades e argumentos mais relevantes para aumentar o seu rendimento.

Quadro 7 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e da sua equipa em particular: valores da estatística descritiva (mínimo, máximo, média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z).

Importância do “factor casa”	Estatística descritiva				Teste não paramétrico de Wilcoxon			
					Valor da diferença			Z
	N	Mínimo	Máximo	Média±d.p.	Diferenças negativas	Diferenças positivas	Empates	
Na sua equipa	220	1	5	3,98±0,906	45 ^a	19 ^b	156 ^c	0,001
Numa equipa	220	1	5	4,15±0,765				

Legenda:

a – Importância do factor casa na sua equipa < Importância do factor casa numa equipa

b – Importância do factor casa na sua equipa > Importância do factor casa numa equipa

c – Importância do factor casa na sua equipa = Importância do factor casa numa equipa

* Estatisticamente significativo para $p \leq 0,05$

Apesar destes dados, importa realçar que o “factor casa” é aceite pela generalidade como um fenómeno dominante no rendimento de qualquer equipa de Futebol, sendo considerado por alguns autores como um dos factores que maior influência exerce no desfecho de um jogo desportivo (Schwartz e Barsky, 1977; Silva e Andrew, 1987; Courneya e Carron, 1992).

Os resultados obtidos vêm também reforçar os já recolhidos num estudo de Jurkovac (1985 cit. Courneya e Carron, 1992), mas na modalidade de Basquetebol, na qual os jogadores também afirmaram a importância de jogar em casa no rendimento da sua equipa.

É pois um factor importante, reconhecido por jogadores, treinadores (Fontes, 2007), adeptos (Smith, 2005) e comunicação social (Edwards e Archambault, 1989 cit. Fontes, 2007), para o decurso de um jogo de Futebol.

5.3. Importância do “Factor Casa” vs Idade

Com o objectivo de detectar uma possível relação entre a importância atribuída pelos jogadores ao “factor casa” e a sua idade, analisaram-se os resultados obtidos nas duas primeiras perguntas do questionário. Compararam-se as respostas às questões da importância do “factor casa” para o aumento de rendimento de uma equipa de Futebol, em geral, com o da sua própria equipa (conforme Quadro 8).

Quadro 8 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e da sua equipa em particular consoante a idade: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão).

Importância do “factor casa” vs Idade						
Idade	Na sua própria equipa			Numa equipa em geral		
	N	Média	Desvio-padrão	N	Média	Desvio-padrão
17	1	5,00	0,000	1	5,00	0,000
18	6	4,33	0,516	6	4,50	0,548
19	22	4,36	0,658	22	4,32	0,646
20	12	4,08	0,996	12	4,25	0,866
21	14	4,00	0,577	14	4,21	0,699
22	13	4,00	0,577	13	4,08	0,494
23	22	4,09	1,019	22	4,05	1,090
24	17	3,82	0,809	17	4,00	0,707
25	16	4,00	0,894	16	4,13	0,619
26	15	3,60	1,298	15	4,00	0,845
27	14	3,93	0,829	14	4,36	0,633
28	11	3,55	1,036	11	3,64	1,027
29	17	4,12	0,857	17	4,29	0,588
30	10	3,60	0,966	10	4,00	0,816
31	7	3,71	0,951	7	4,00	1,000
32	6	4,50	0,548	6	4,33	0,816
33	6	3,67	1,506	6	4,67	0,816
34	6	4,17	0,753	6	4,17	0,408
35	2	4,00	0,000	2	4,00	0,000
36	2	3,50	0,707	2	3,50	0,707
37	1	4,00	0,000	1	4,00	0,000
Total	220	3,98	0,906	220	4,15	0,765

Nota-se no quadro anterior que os jogadores consideram mais importante o “factor casa” numa equipa em geral (4,15) do que na sua própria equipa (3,98), tal como foi discutido no ponto anterior.

As suas respostas estão compreendidos entre os 3,5 e os 5 valores, ou seja, encontram-se entre as categorias “moderadamente importante” e “muito importante”.

Parece também que a média das respostas e, portanto, a importância dada ao “factor casa” vão diminuindo gradualmente, em ambas as questões, até cerca dos 28 anos. Depois, com algumas oscilações, a importância dada pelos jogadores parece aumentar novamente.

As Figuras 9 e 10 servem melhor os nossos propósitos para visualizar a variação das respostas dos jogadores às referidas questões.

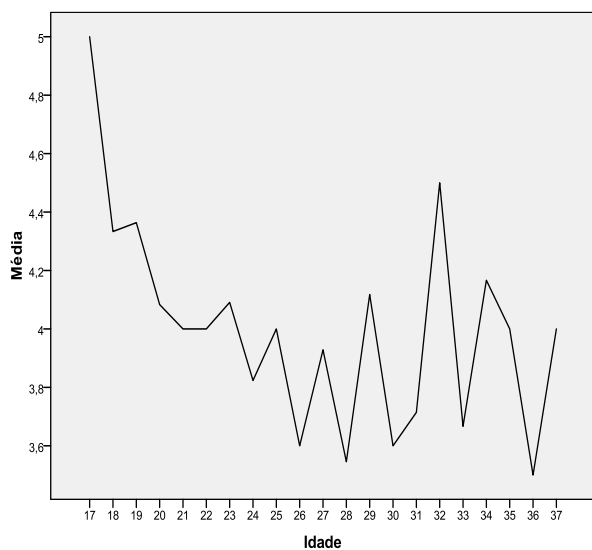


Figura 9 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular vs Idade.

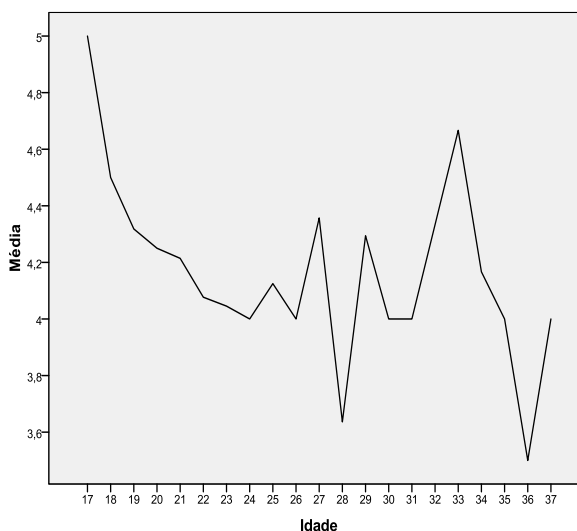


Figura 10 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral vs Idade.

Em suma, verifica-se que conforme a idade vai aumentando, até um certo ponto (cerca dos 28 anos), a importância dada pelos jogadores ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e para a sua em particular vai diminuindo.

No entanto, em ambas as questões, acima dos 28 anos, a importância dada parece aumentar, mas com maior divergência de opiniões. Como exemplo, convém salientar que a média das respostas chega a atingir, dos 28 aos 37 anos, um valor elevado de 4,67, mas também um mínimo de 3,5.

Como tal, não é possível obter uma correlação entre a idade e a importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol (em geral ou em particular).

Também não se encontrou uma base teórica na literatura que sirva de apoio e de comparação, no que a este assunto diz respeito.

5.4. Importância do “Factor Casa” vs Tempo como jogador profissional

Na tentativa de encontrar uma relação entre a experiência profissional, ou seja, o número de anos como jogador profissional de Futebol e a importância atribuída ao “factor casa” como potenciador do rendimento de uma equipa (em geral e em particular), elaborou-se o Quadro 9.

Quadro 9 – Resultados da importância atribuída ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e da sua equipa em particular consoante a experiência profissional (em anos): valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão).

Importância do “factor casa” vs Tempo como jogador profissional						
Tempo (anos)	Na sua própria equipa			Numa equipa em geral		
	N	Média	Desvio-padrão	N	Média	Desvio-padrão
0	13	4,38	0,506	13	4,38	0,870
1	18	4,33	0,686	18	4,28	0,669
2	13	4,00	0,913	13	4,15	0,899
3	11	4,00	0,775	11	4,09	0,539
4	17	4,00	0,707	17	4,12	0,600
5	18	3,89	0,963	18	4,11	0,758
6	22	3,86	0,941	22	3,95	0,950
7	15	4,40	0,910	15	4,40	0,507
8	16	3,38	1,204	16	4,13	0,719
9	9	4,33	0,500	9	4,22	0,972
10	13	3,92	0,862	13	4,15	0,555
11	10	3,50	1,179	10	3,80	1,229
12	8	4,38	0,518	8	4,38	0,518
13	7	3,57	1,272	7	3,86	1,069
14	10	3,50	1,080	10	4,00	0,816
15	7	3,57	0,787	7	4,00	0,816
16	4	4,50	0,577	4	4,75	0,500
17	3	4,00	0,000	3	4,00	0,000
18	3	4,33	0,577	3	4,00	0,000
20	1	5,00	0,000	1	5,00	0,000
Total	218	3,98	0,908	218	4,15	0,766

Nele é possível observar que é atribuída uma maior importância ao “factor casa” numa equipa em geral do que na sua própria equipa, estando os valores compreendidos entre os 3,8 e os 5 valores no primeiro caso (equipa em geral) e entre os 3,38 e os 5 valores no segundo caso (própria equipa).

O aumento do número de anos de experiência, não parece suportar nenhuma relação de causalidade com a importância dada à vantagem de jogar em casa, visto que os valores são díspares de um ano para o outro.

As figuras 11 e 12 comprovam visualmente essa aleatoriedade de respostas.

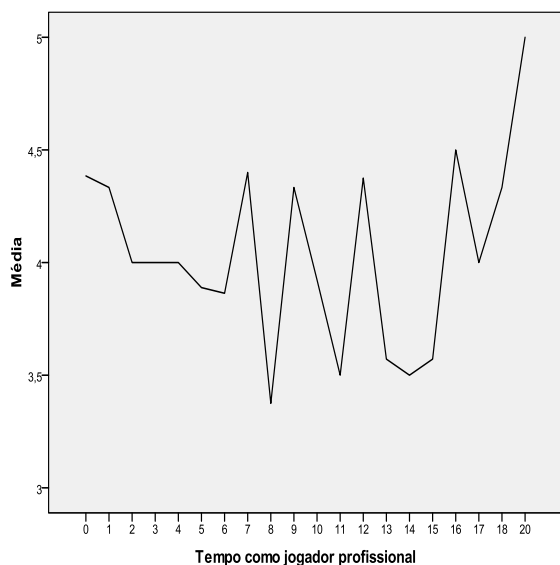


Figura 11 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de Futebol em particular vs Tempo como jogador profissional.

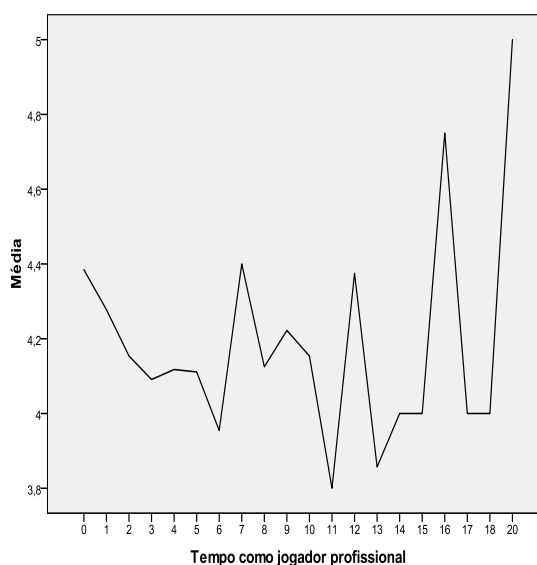


Figura 12 - Importância do “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral vs Tempo como jogador profissional.

Tal como na relação entre a idade e a importância atribuída ao “factor casa”, também nesta entre o tempo como jogador profissional de Futebol e a mesma importância não foi encontrado qualquer suporte teórico no estado actual da arte.

Isto deve-se provavelmente ao facto de não ter sido considerado prioritário averiguar a opinião dos jogadores consoante o escalão etário a que pertencem e consoante a experiência que possuem como profissionais da área.

5.5. As principais causas do “Factor Casa”

Uma vez comprovada a existência da vantagem de jogar em casa no Futebol (Courneya e Carron, 1992; McGuire *et al.*, 1992), tanto nas ligas europeias como nas principais divisões portuguesas de Futebol, urge tentar perceber por que razão (ou razões) ela existe, ou seja, quais são as causas mais dominantes para a sua existência.

No Quadro 10 podem observar-se as opiniões dos jogadores quanto aos factores de localização do jogo que podem influenciar o “factor casa”.

Quadro 10 – Resultados da importância dos factores de localização do jogo enquanto influenciadores do “Factor Casa”: valores da estatística descritiva (média, desvio-padrão, mínimo e máximo).

	Factores de localização de jogo						
	Público	Efeito territorial	Aprendizagem	Regras	Viagens	Árbitros	Alimentação
N	220	220	220	220	220	220	1
Média	4,29	3,64	4,10	2,96	3,48	2,89	5,00
D.P.	0,773	0,898	0,772	1,306	1,022	1,200	0,000
Mínimo	2	1	2	1	1	1	5
Máximo	5	5	5	5	5	5	5

Os jogadores inquiridos atribuíram, em média, maior importância ao factor “público” (4,29), seguido do factor “aprendizagem” (4,10), numa escala de valores de 1 a 5.

Estes resultados são consistentes com os suportados pela literatura. Nevill e Holder (1999) demonstraram que o público parece exercer uma das influências mais evidentes nos intervenientes do jogo, revelando-se como uma das causas mais dominantes do “factor casa”, e Pollard (2002) estimou em 24% o efeito da aprendizagem/familiaridade com o terreno de jogo (embora haja algumas opiniões contraditórias).

Apesar do factor “alimentação” (causa sugerida por um dos jogadores inquiridos) apresentar uma média de 5 valores, achou-se conveniente considerá-lo um *outlier*, uma vez que foi assinalado apenas por um jogador e nunca ter sido ponderada como causa provável. Desta forma, torna-se mais fácil concluir em relação às causas mais prováveis do “factor casa”

Poderá excepcionalmente ter sido feita, na literatura, uma ligação da “alimentação” ao factor “aprendizagem/familiaridade”, sendo aquela considerada parte das rotinas (ex: ementa habitual antes dos jogos), ou ao factor “viagens”, considerando-se que na grandes deslocações, nomeadamente para países de hábitos alimentares diferentes, o regime alimentar não usual poderá produzir algum desconforto e alguma estranheza por jogar fora de casa (Brown *et al.*, 2002).

O factor de localização de jogo com valor médio inferior registado foi o factor “regras”, confirmando as investigações de Nevill e Holder (1999) e de Silva (2002) que mostram que o referido factor não possui qualquer significado já que nunca favorece qualquer das equipas. Como tal, parece desempenhar um papel reduzido (ou nenhum) no “factor casa” no Futebol.

5.6. A percepção dos jogadores acerca dos estados psicológicos experimentados em função da localização do jogo (casa vs fora)

No Quadro 11 podem observar-se os resultados dos estados psicológicos apresentados pelos jogadores nos jogos em casa e fora de casa.

Quadro 11 – Resultados da percepção dos jogadores acerca dos estados psicológicos apresentados pelos jogadores nos jogos em casa e fora de casa: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z).

Estados psicológicos dos jogadores	Estatística descritiva				Teste não paramétrico de Wilcoxon			
	Jogos em casa		Jogos fora de casa		Valor da diferença			Z
	N	Média $\pm$ d.p.	N	Média $\pm$ d.p.	Diferenças negativas ^a	Diferenças positivas ^b	Empates ^c	
Orgulho	220	4,04 $\pm$ 0,816	220	3,90 $\pm$ 0,872	45	18	157	0,001*
Confiança	220	4,26 $\pm$ 0,644	220	4,08 $\pm$ 0,714	57	25	138	0,000*
Divertimento	220	3,81 $\pm$ 0,917	220	3,75 $\pm$ 0,905	33	23	164	0,149*
Stress	218	2,80 $\pm$ 0,985	220	2,85 $\pm$ 0,919	34	48	136	0,645*
Eficácia da equipa	220	3,89 $\pm$ 0,726	220	3,69 $\pm$ 0,713	62	26	132	0,000*
Motivação	220	4,43 $\pm$ 0,702	220	4,29 $\pm$ 0,679	49	19	152	0,002*
Pressão	220	3,30 $\pm$ 0,943	220	3,10 $\pm$ 0,986	68	29	123	0,000*
Ansiedade	220	3,01 $\pm$ 0,868	220	2,90 $\pm$ 0,889	51	29	140	0,033*
Tensão	220	2,85 $\pm$ 0,850	220	2,84 $\pm$ 0,897	38	36	146	0,993*
Fadiga	220	2,45 $\pm$ 0,952	220	2,61 $\pm$ 0,956	23	56	141	0,002*
Capacidade concentração	220	4,24 $\pm$ 0,765	220	4,20 $\pm$ 0,750	40	33	147	0,392*
Vigor	219	4,09 $\pm$ 0,774	220	4,02 $\pm$ 0,751	38	21	160	0,096*

a - Estados psicológicos dos jogadores nos jogos fora de casa < Estados psicológicos dos jogadores nos jogos em casa

b - Estados psicológicos dos jogadores nos jogos fora de casa > Estados psicológicos dos jogadores nos jogos em casa

c - Estados psicológicos dos jogadores nos jogos fora de casa = Estados psicológicos dos jogadores nos jogos em casa

* Estatisticamente significativo para $p \leq 0,05$

Com base no quadro anterior, verifica-se que:

- o orgulho, a confiança, o divertimento, a eficácia da equipa, a motivação, a pressão, a ansiedade, a capacidade de concentração e o vigor apresentam um valor médio superior em casa do que fora;
- destes estados psicológicos, o orgulho, a confiança, a eficácia da equipa, a motivação, a pressão e a ansiedade são estatisticamente significativos;
- tal como é previsto na literatura e confirmado no nosso trabalho, os jogadores percebem estados diferentes quando jogam em casa e quando jogam fora e têm a noção de que apresentam uma performance superior em casa, talvez por se sentirem mais motivados e confiantes quando jogam nas próprias instalações (Jurkovic, 1985 cit. Silva 2002) ou por sentirem também uma maior eficácia colectiva (ou eficácia da equipa) (Bray e Widmeyer, 2000);
- a pressão provavelmente terá sido entendida pelos jogadores como o resultado das expectativas dos adeptos, da direcção do clube, da equipa técnica ou até do próprio jogador para ganhar, o que nem sempre é benéfico para o desempenho deste. Segundo Jurkovic (1985, cit. Silva, 2002), jogar em casa pode provocar nos jogadores alguns efeitos negativos, tais como um aumento de pressão para vencer exercida pelo público, o que apoia os resultados por nós encontrados;
- a ansiedade, quando em exagero, poderá ser uma contrariedade para o jogador que a sente, reflectindo-se frequentemente em desempenhos do jogador e/ou da abaixo da normalidade e do desejado. Dados da literatura mostram que os jogadores, por norma, se sentem menos ansiosos quando jogam em casa do que quando jogam fora (Bray e Widmeyer, 1995 cit. Carron *et al.*, 2005; Bray *et al.*, 2002). No entanto, os resultados por nós obtidos contradizem esta informação.
- a tensão apresenta valores idênticos em casa e fora de casa;

- o stress e a fadiga apresentam valores superiores fora de casa do que os registados em casa, sendo os dados relativos à fadiga estatisticamente significativos, podendo ser levados em consideração.

É possível afirmar, à luz da literatura, que os jogadores percebem mais estados psicológicos positivos quando jogam em casa do que quando jogam fora (Carron *et al.*, 2005)

Os resultados obtidos no presente estudo, acerca dos estados psicológicos dos jogadores, devem ser tidos em consideração, uma vez que não existem muitos estudos realizados em que os atletas participem de forma activa (Bray e Widmeyer, 2000).

A análise da percepção dos jogadores face aos seus estados psicológicos é mais uma forma de tentar interpretar por que razão ocorre a vantagem de jogar em casa. No entanto, não se devem descurar os estados psicológicos dos restantes intervenientes do jogo - treinadores e árbitros – principalmente dos primeiros.

5.7. A percepção dos jogadores acerca dos estados comportamentais experimentados em função da localização do jogo (casa vs fora)

Foi opção estudar os estados comportamentais que os jogadores afirmam apresentar nos seus jogos visto que são um dos factores do *framework* de Courneya e Carron (1992) que até agora pouca atenção recebeu, apesar de poder ser um dos mais relacionados com o resultado da performance (Carron *et al.*, 2005).

A agressividade foi o comportamento mais estudado até agora (Courneya e Carron, 1992). Daí a necessidade de alargar a pesquisa e o estudo para outros estados comportamentais (conforme Quadro 12).

Quadro 12 – Resultados da percepção dos jogadores acerca dos estados comportamentais apresentados pelos jogadores nos jogos em casa e fora de casa: valores da estatística descritiva (média e desvio-padrão) e do teste não paramétrico de Wilcoxon (valor da diferença e valor de Z).

Estados comportamentais dos jogadores	Estatística descritiva				Teste não paramétrico de Wilcoxon			
	Jogos em casa		Jogos fora de casa		Valor da diferença			Z
	N	Média ±d.p.	N	Média ±d.p.	Diferenças negativas ^a	Diferenças positivas ^b	Empates ^c	
Nível de agressividade	220	4,10 ±0,856	220	4,16 ±0,694	26	19	175	0,682*
Persistência face a resultados negativos	220	3,92 ±0,898	220	4,11 ±0,809	33	25	162	0,427*
Esforço despendido	220	4,11 ±0,769	220	3,90 ±0,801	21	23	176	0,995*
Cumprimento dos princípios de jogo	220	4,13 ±0,710	220	4,09 ±0,800	17	21	182	0,299*

a - Estados comportamentais dos jogadores nos jogos fora de casa < Estados comportamentais dos jogadores nos jogos em casa

b - Estados comportamentais dos jogadores nos jogos fora de casa > Estados comportamentais dos jogadores nos jogos em casa

c - Estados comportamentais dos jogadores nos jogos fora de casa = Estados comportamentais dos jogadores nos jogos em casa

* Estatisticamente significativo para $p \leq 0,05$

Mediante os resultados obtidos, é viável constatar que:

- a diferença na média dos estados comportamentais dos jogadores (pela significância bilateral superior a 0,05) não é suficientemente elevada para rejeitar a hipótese de que os jogadores experimentam iguais estados comportamentais nos jogos disputados em casa e fora de casa;
- Varca (1980, cit. Courneya e Carron, 1992) demonstrou também não haver diferenças no nível de agressividade das equipas quando jogam em casa ou fora, mas no tipo de agressividade. No nosso estudo apurou-se em casa um valor médio de 4,10 e fora de 4,16;

Era nossa vontade investigar mais aprofundadamente os vários comportamentos dos jogadores, já que as estatísticas das performances e os resultados finais dos jogos deles dependem (Carron *et al.*, 2005). No entanto, os prazos e os constrangimentos temporais impediram uma reformulação do questionário de Fontes (2007), que teria de ser sujeita a nova validação (peritagem).

5.8. A percepção dos jogadores acerca da fase de jogo mais beneficiada pelo “Factor Casa”

Na relação do jogo com a vantagem de jogar em casa, os jogadores foram questionados quanto à fase de jogo que consideram ser a mais beneficiada pelo “factor casa”, para uma equipa visitada.

Os resultados estão apresentados no Quadro 13.

Quadro 13 – Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais beneficiada numa equipa que joga em casa.

Fase do jogo mais beneficiada pelo “factor casa” numa equipa visitada	Número de jogadores	Percentagem de jogadores (%)
Defesa	9	4,1
Transição Defesa-Ataque	60	27,4
Ataque	90	41,1
Transição Ataque-Defesa	30	13,7
Nenhuma	30	13,7
Total	219	100

É possível verificar claramente, não só através dos dados do quadro anterior mas também pela Figura 13, que :

- 41,1% dos jogadores consideram que a fase mais beneficiada pelo “factor casa”, quando se joga em casa, é o ataque;
- 27,4% dos inquiridos têm a percepção que é a transição defesa-ataque a fase mais beneficiada pelo referido fenómeno;
- Das 4 fases de jogo, a menos seleccionada pelos jogadores como beneficiada pelo “factor casa” foi a fase defensiva;
- 13,7 % dos indivíduos consideram que nenhuma fase de jogo em particular é beneficiada pelo facto de se jogar em casa.

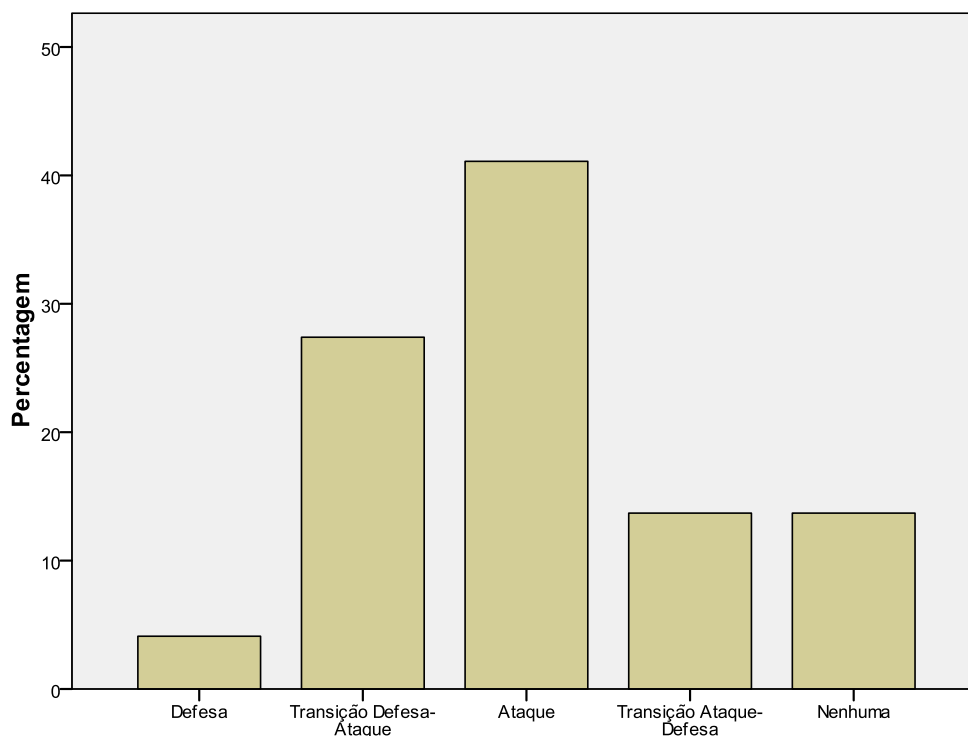


Figura 13 - Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais beneficiada pelo “factor casa” numa equipa que joga em casa.

Resumindo, as duas fases de jogo com maior número de respostas (150 no total) dizem respeito ao processo ofensivo da equipa.

Pensa-se ser importante verificar se é o facto de jogar em casa que permite que o ataque e a transição defesa-ataque sejam beneficiadas ou se é o facto das equipas visitadas apresentarem uma maior ofensividade efectiva (Schwartz e Barsky,1977) que lhes permite ganhar uma maior vantagem, em casa, sobre os seus adversário. Segundo os mesmos autores, a equipa caseiras privilegia o processo ofensivo em detrimento do defensivo, resultante da sua qualidade como equipa e da maior confiança e vontade em ganhar o jogo.

5.8. A percepção dos jogadores acerca da fase de jogo mais prejudicada pelo “Factor Casa”

Ainda na relação do jogo com a vantagem de jogar em casa, os jogadores foram inquiridos quanto à fase de jogo que consideram ser a mais prejudicada pelo “factor casa”, para uma equipa visitante.

Os resultados estão apresentados no Quadro 14.

Quadro 14 – Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais prejudicada numa equipa que joga fora.

Fase do jogo mais prejudicada pelo “factor casa” numa equipa visitante	Número de jogadores	Percentagem de jogadores (%)
Defesa	39	17,8
Transição Defesa-Ataque	50	22,8
Ataque	56	25,6
Transição Ataque-Defesa	33	15,1
Nenhuma	41	18,7
Total	219	100

Através deste quadro e da Figura 14, constata-se que :

- 25,6% dos jogadores consideram que a fase mais prejudicada pelo “factor casa”, quando se joga fora, é o ataque;
- Imediatamente abaixo, encontra-se a transição defesa-ataque com 22,8% de respostas;
- Das 4 fases de jogo, a menos seleccionada pelos jogadores como prejudicada pelo “factor casa” foi a transição ataque-defesa;
- 18,7 % dos indivíduos consideram que nenhuma fase de jogo em particular é prejudicada pelo facto de se jogar fora de casa.

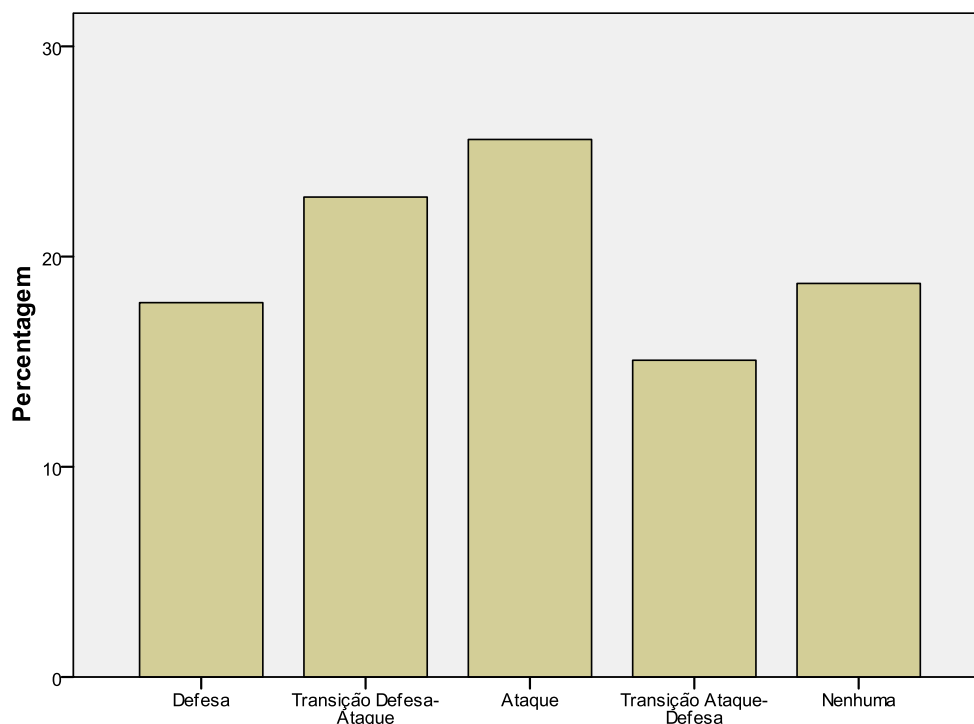


Figura 14 - Resultados da percepção dos jogadores quanto à fase de jogo que consideram ser a mais prejudicada pelo “factor casa” numa equipa que joga fora.

Sintetizando, as duas fases de jogo com maior número de respostas (106 no total) dizem respeito ao processo ofensivo da equipa. No entanto, as respostas dos jogadores estão mais distribuídas no que a esta questão diz respeito.

Parece, portanto, que as fases do ataque e da transição defesa-ataque são beneficiadas pelo “factor casa” quando a equipa em causa joga na condição de visitada e são também prejudicadas quando a equipa joga na condição de visitante.

Se a maior ofensividade efectiva das equipas pode realmente ser explicada (ou ajudar a explicar) pelo factor casa (Schwartz e Barsky, 1977), a organização ofensiva de uma equipa visitante só se poderá considerar prejudicada pelo “factor casa” quando se analisam as estatísticas,

nomeadamente o menor tempo de posse de bola, o menor número de golos marcados e o menor número de remates e cantos a favor (Fontes, 2007).

No entanto, estes valores são o resultado do prejuízo da fase ofensiva da equipa que joga fora e não a causa. Essa continua ainda a ser difícil de apurar de forma concisa e objectiva.

Capítulo 6: Conclusões

6. CONCLUSÕES

Reunindo todos os dados recolhidos através do questionário sobre o “Factor Casa”, bem como as classificações finais dos 3 principais campeonatos portugueses de Futebol dos últimos anos, permite-nos retirar as seguintes conclusões, de forma a validar ou não as hipóteses formuladas:

- O fenómeno do “Factor Casa” existe nos vários campeonatos portugueses de Futebol estudados, bem como nas restantes ligas europeias. No entanto, a sua preponderância tem vindo a diminuir ao longo dos anos. – Hipótese 1 confirmada;
- Os jogadores atribuem maior importância ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral do que da sua própria equipa. No entanto, os jogadores da I Liga atribuem maior importância a este fenómeno que os da II Liga e da II Divisão. – Hipótese 2 confirmada;
- Conforme a idade dos jogadores vai aumentando, a importância dada ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de Futebol em geral e para a sua em particular parece ir diminuindo, mas até a um certo ponto (até cerca dos 28 anos). Posteriormente a importância dada aparente aumentar, mas com maior variabilidade. Desta forma, não é possível confirmar a Hipótese 3;
- Não é possível encontrar uma relação de causalidade entre o número de anos de experiência como jogador profissional e a importância dada à vantagem de jogar em casa. – Hipótese 4 não confirmada;
- O factor de localização de jogo que os jogadores acreditam exercer maior influência sobre o “factor casa” é o público, seguido pelo factor da aprendizagem/familiaridade com as instalações. – Hipótese 5 confirmada;
- Os jogadores experimentam diferentes estados psicológicos nos jogos em casa e fora de casa, tais como o orgulho, a confiança, a eficácia da

equipa, a motivação, a pressão, a ansiedade (valores superiores em casa) e a fadiga (valores superiores fora de casa). – Hipótese 6 confirmada;

➤ Os resultados não permitem rejeitar a hipótese de que os jogadores experimentam iguais estados comportamentais nos jogos disputados em casa e fora de casa. – Hipótese 7 não confirmada;

➤ A fase do ataque é a que os jogadores acreditam ser a mais beneficiada pelo “factor casa” quando a equipa em causa joga na condição de visitada e também a que é mais prejudicada quando a equipa joga na condição de visitante. – Hipóteses 8 e 9 confirmadas.

Refira-se que as conclusões à percepção dos jogadores da II Divisão Nacional (II Divisão B) devem ser entendidas com reserva pelo facto da amostra ser reduzida e, portanto, pouco representativa do universo.



Capítulo 7: Sugestões para Futuros Trabalhos

7. SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

Apesar de cada trabalho monográfico contribuir apenas um pouco para o desenvolvimento do conhecimento científico, a sabedoria popular afirma que “a mais longa caminhada começa com um pequeno passo”.

Desta forma, urge continuar a questionar de modo a obter cada mais respostas.

É nesse sentido que são apresentadas algumas sugestões e propostas de investigação no âmbito do “Factor Casa” no Futebol.

- Averiguar a existência do “Factor Casa” nos campeonatos de Futebol de Formação e os principais factores associados;
- Comparar o “Factor Casa” em equipas profissionais e não profissionais de Futebol;
- Averiguar a percepção dos jogadores profissionais de Futebol acerca do “Factor Casa”, alargando a amostra do estudo ao maior número possível de equipas da I e II Ligas Portuguesas de Futebol;
- Analisar a influência do “Factor Casa” no sucesso (ou insucesso) das acções técnicas mais executadas em jogo.



Capítulo 8: Referências Bibliográficas

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balmer, N.; Nevill, A.; Lane, A. (2005). Do judges enhance home advantage in European Championship Boxing? *Journal of Sports Sciences*, 23: 409-416.
- Boyko, R.; Boyko, A.; Boyko, M. (2007). Referee bias contributes to home advantage in English Premiership football. *Journal of Sport Sciences*, 25 (11): 1185-1194.
- Bray, S.; Jones, M.; Owen, S. (2002). The influence of competition location on athletes' psychological states. *Journal of Sport Behavior*, 25 (3): 231-242.
- Bray, S.; Widmeyer, W. (2000). Athletes' perceptions of the home advantage: An investigation of perceived causal factors. *Journal of Sport Behavior*, 23 (1): 1-10.
- Brown, T.; Van Raalte, J.; Brewer, B.; Winter, C.; Cornelius, A.; Andersen, M. (2002). World Cup soccer home advantage. *Journal of Sport Behavior*, 25 (2): 134-144.
- Carron, A.; Hausenblas, H. (1998). *Group dynamics in sport*, Fitness Information Technology. 2nd edition.
- Carron, A.; Loughhead, T.; Bray, S. (2005). The home advantage in sport competitions: Courneya and Carron's (1992) conceptual framework a decade later. *Journal of Sports Sciences*, 23: 395-407.
- Clarke, S. (2005). Home advantage in the Australian Football League. *Journal of Sports Sciences*, 23: 375-385.
- Costa, A. (1997). *À volta do estádio*. Campo do Desporto.
- Courneya, K.; Carron, A. (1991). Effects of travel and length of home stand/road trip on the home advantage. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 13: 42-49.

- Courneya, K.; Carron, A. (1992). The home advantage in sport competitions: A literature review. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 14: 13-27.
- Cox, R. (1998). *Sport psychology – Concepts and applications*. McGraw-Hill. 4th edition.
- Dennis, P.; Carron, A. (1999). Strategic decisions of ice hockey coaches as a function of game location. *Journal of Sports Sciences*, 17: 263-268.
- Downward, P.; Jones, M. (2007). Effects of crowd size on referee decisions: Analysis of the FA Cup. *Journal of Sports Sciences*, 25: 1541-1545.
- Fiqueli, J. (2008). *Vantagem do Factor Casa no Futebol Português*. Tese de Licenciatura. FADEUP. Porto.
- Fontes, I. (2007). *O “Factor Casa” no Futebol: Um estudo com treinadores das ligas portuguesas de futebol profissional na época 2006-2007*. Tese de Licenciatura. FADEUP. Porto.
- Freire, P. (1998). *“Factor-casa” na realidade do futebol português: resultado de uma construção social através de um processo de institucionalização*. Tese de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Garcia-Mas, A. (2002). Preparación psicológica en diferentes deportes. In J. Dosil, *El Psicólogo del Deporte*: 101-132. Madrid. Editorial Síntesis.
- Garganta, J. (2002). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta, A. Suares e C. Peñas (ed), *A investigação em futebol. Estudos Ibéricos*: 51-61. FCDEF-UP.
- Gill, D. (2000). *Psychology dynamics of sport and exercise*. Human Kinetics.
- Hoover, E. (2009). Home court is where the heart is. *Chronicle of Higher Education*, 55 (27).

- Jones, M.; Bray, S.; Olivier, S. (2005). Game location and aggression in rugby league. *Journal of Sports Sciences*, 23: 387-393.
- Koning, R. (2005). Home advantage in speed skating: Evidence from individual data. *Journal of Sports Sciences*, 23: 417-427.
- Koyama, M.; Reade, J. (2009). Playing like the home team: An economic investigation into home advantage in football. *International Journal of Sport Finance*, 4 (1): 16-41.
- Lacerda, F.; Mello, J. (2007). Análise preliminar de existência de *home advantage* aplicada ao desempenho da República Dominicana na história dos jogos pan americanos. *Relatórios de Pesquisa em Engenharia de Produção*, vol. 7(08).
- Madrigal, R.; James, J. (1999). Team quality and the home advantage. *Journal of Sport Behavior*, 22 (3): 381-398.
- Marcelino, R.; Mesquita, I.; Sampaio, J.; Anguero, M. (2009). Ventaja de jugar en casa en Voleibol de alto rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 18 (2): 181-196.
- McGuire, E.; Courneya, K.; Widmeyer, W.; Carron, A. (1992). Aggression as a potential mediator of the home advantage in professional ice hockey. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 14: 148-158.
- Morley, B.; Thomas, D. (2005). An investigation of home advantage and other factors affecting outcomes in English one-day cricket matches. *Journal of Sport Sciences*, 23: 261-268.
- Nevill, A.; Balmer, N.; Williams, M. (1999). Crowd influence on decisions in association football. *The Lancet*, 353: 1416.
- Nevill, A.; Balmer, N.; Wolfson, S. (2005). The extend and causes of home advantage: Some recent insights. *Journal of Sports Sciences*, 23: 335-336.

- Nevill, A.; Holder, R. (1999). Home advantage in sport: An overview of studies on the advantage of playing at home. *Sports Medicine*, 28: 221-236.
- Nevill, A.; Holder, R.; Bardsley, A.; Calvert, H.; Jones, S. (1997). Identifying home advantage in international tennis and golf tournaments. *Journal of Sports Sciences*, 15:437-443.
- Nevill, A.; Newell, S.; Gale, S. (1996). Factors associated with home advantage in English and Scottish soccer matches. *Journal of Sports Sciences*, 14: 181-186.
- Page, L.; Page, K. (2007). The second leg home advantage: Evidence from European football cup competitions. *Journal of Sports Sciences*, 25: 1547-1556.
- Pollard, R. (1986). Home advantage in soccer: a retrospective analysis. *Journal of Sports Sciences*, 2: 245-257.
- Pollard, R. (2002). Evidence of a reduced home advantage when a team moves to a new stadium. *Journal of Sports Sciences*, 20: 969-973.
- Pollard, R.; Pollard, G. (2005). Long-term trends in home advantage in professional team sports in North America and England (1876-2003). *Journal of Sports Sciences*, 23: 337-350.
- Pollard, R. (2006a). Home advantage in soccer: Variations in its magnitude and a literature review of the inter-related factors associated with its existence. *Journal of Sport Behavior*, 29 (2): 169-189.
- Pollard, R. (2006b). Worldwide regional variations in home advantage in association football. *Journal of Sports Sciences*, 24: 231-240.
- Sampaio, J; Janeira, M. (2002). A vantagem casa nos jogos da liga de clubes de basquetebol: diferenças entre os jogos da fase regular e os jogos do playoff. *Estudos 3*. FCDEF-UP/CEJD.

- Sampaio, J; Janeira, M. (2005). A vantagem em casa nos jogos desportivos colectivos: revisão da literatura centrada no Basquetebol e no modelo de Courneya e Carron. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5: 235-246.
- Schwartz, B.; Barsky, S. (1977). The home advantage. *Social Forces*, 55 (3): 641-661.
- Silva, J (2002). *Comportamento de uma equipa de futebol nos jogos realizados em sua casa e em casa do adversário: congruência com o modelo de jogo defendido pelo treinador*. Tese de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Silva, C; Moreira, D. (2008). A vantagem em casa no futebol: Comparação entre o campeonato brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 10 (2): 184-188.
- Silva, J; Andrew, J. (1987). An analysis of game location and basketball performance in the Atlantic Conference. *International Journal of Sport Psychology*, 18: 188-204.
- Smith, D. (2005). Disconnects between popular discourse and home advantage research: What can fans and media tell us about the home advantage phenomenon? *Journal of Sports Sciences*, 23: 351-364.
- Wallace, H.; Baumeister, R.; Vohs, K. (2005). Audience support and choking under pressure: A home disadvantage? *Journal of Sports Sciences*, 23 (4): 429-438.
- Wolfson, S.; Wakelin, D.; Lewis, M. (2005). Football supporters' perceptions of their role in the home advantage. *Journal of Sports Sciences*, 23: 365-374.
- Wilkinson, T.; Pollard, R. (2006). A temporary decline in home advantage when moving to a new stadium. *Journal of Sport Behavior*, 29 (2): 190-197.

- <http://pt.wikipedia.org>. Consult. 15 Ago 2009, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/II_Divis%C3%A3o_2007/2008
- <http://www.fcbarreirense.com>. Consult. 5 Set 2009, disponível em http://www.fcbarreirense.com/index.php?option=com_wrapper&Itemid=209
- <http://www.scorezz.com>. Consult. 24 Ago 2009, disponível em <http://www.scorezz.com/competition.php?id=1139>
- <http://www.terrasdabeira.com>. Consult. 3 Set, disponível em http://www.terrasdabeira.com/sport/classificacao_content_ext.asp?IdCompeticao=103&nomeepoca=2008-2009&IdJornadaActual=3040&nomecamp=II%20Liga&idSelect=3
- www.futebol365.pt. Consult. 12 Out 2009, disponível em <http://www.futebol365.pt/competicoes/classificacao.asp?opcao=Geral&comp=iidivisaoD&epoca=2007-2008>
- www.lpfp.pt. Consult. 11 Ago 2009, disponível em <http://www.lpfp.pt/Pages/Inicio.aspx>
- www.zerozero.pt. Consult. 20 Set 2009, disponível em http://www.zerozero.pt/edicao.php?id_edicao=1582



Anexos

“Factor casa” nas diversas ligas europeias de Futebol de 1996/1997 a 2001/2002	
País	“Factor Casa” (%)
Albânia	79%
Bósnia	77%
Bulgária e Roménia	71%
Sérvia e Macedónia	70%
Croácia	67%
República Checa e Ucrânia	66%
Eslováquia, Grécia e França	65%
Portugal , Polónia e Itália	64%
Espanha, Eslovénia, Suíça, Alemanha e Áustria	63%
Turquia, Rússia e Hungria	62%
Holanda e Bélgica	61%
Inglaterra	60%
Bielorrússia, Islândia e Suécia	58%
Chipre, Noruega e Finlândia	57%
Moldávia, Escócia, País de Gales e Dinamarca	56%
Irlanda e Irlanda do Norte	55%
Malta, Luxemburgo e Lituânia	54%
Estónia e Letónia	53%

“Factor casa” nas diversas ligas europeias de Futebol de 1997/1998 a 2002/2003					
PAÍS	JOGOS DISPUTADOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	“FACTOR CASA” (%)
Bósnia	2894	1983	506	405	78.95
Albânia	1274	840	243	191	77.20
Bulgária	1266	766	213	287	70.04
Sérvia	1752	1032	344	376	70.03
Roménia	1638	973	306	359	69.99
Macedónia	1032	614	181	237	69.40
Rep. Checa	1440	752	392	296	67.41
Croácia	966	519	228	219	66.85
Ucrânia	1324	697	308	319	65.47
Eslováquia	1260	667	285	308	65.41
França	1910	959	522	429	65.41
Portugal	1836	921	489	426	64.79
Cazaquistão	1640	568	192	280	64.75
Grécia	1580	841	327	412	64.58
Suíça	792	392	215	185	64.37
Azerbaijão	536	305	94	157	64.10
Espanha	2280	1116	624	540	63.90
Itália	1836	882	531	423	63.83
Polónia	1378	686	342	350	63.29
Eslovénia	1148	575	270	303	62.85
Alemanha	1836	897	472	467	62.81
Rússia	1440	690	388	362	62.51
Holanda	1836	908	432	496	62.17
Turquia	1836	901	438	497	61.95
Hungria	1346	652	333	361	61.78
Geórgia	988	497	206	285	61.53
Áustria	1080	524	261	295	61.53
Inglaterra	2260	1076	594	610	61.19
Bélgica	1802	872	416	514	60.76
Bielorrússia	1294	620	267	407	58.84
Islândia	540	244	136	160	58.49
Ilhas Faroés	540	263	98	179	58.28
Israel	1347	611	324	412	58.03
Noruega	1092	512	227	353	57.82
Chipre	1092	526	195	371	57.55
Suécia	1092	474	288	330	57.23
Finlândia	977	420	264	293	57.14
Moldávia	760	338	179	243	56.78
Dinamarca	1188	515	305	368	56.77
Escócia	1224	539	294	391	56.57
Irlanda	1125	465	323	337	56.29
Arménia	704	333	113	258	55.63
País de Gales	1876	842	381	653	55.40
Irlanda Norte	1098	457	280	361	54.78
Letónia	672	308	106	258	53.93
Luxemburgo	792	339	169	284	53.74
Lituânia	946	399	213	334	53.71
Estónia	616	264	123	229	53.04
Malta	630	273	111	246	52.28
San Marino	990	376	248	366	50.55
Andorra	468	193	72	203	48.87

“Factor casa” em ligas de Futebol de vários países de 1997/1998 a 2002/2003					
PAÍS	JOGOS DISPUTADOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	“FACTOR CASA” (%)
Bolívia	924	572	195	157	74.16
Perú	1452	810	372	270	70.33
Equador	984	543	260	181	70.17
Colômbia	2064	1057	620	387	68.04
China	1148	562	333	253	64.90
Brasil	2062	1056	498	508	64.45
Costa Rica	1379	663	386	330	63.32
Chile	1440	704	378	358	63.17
Venezuela	1181	566	328	287	63.02
Egipto	1150	540	334	276	62.71
México	1946	906	554	486	61.92
E.U.A.	1024	517	216	291	61.87
Austrália	1186	584	266	336	61.30
Marrocos	1440	594	524	322	60.75
África do Sul	1770	776	505	489	58.96
Argentina	2280	969	669	642	57.95
Arábia Saudita	660	298	158	204	57.74
Paraguai	737	309	219	209	57.53
Japão	1506	653	366	487	56.00
Coreia do Sul	894	356	278	260	55.99
Uruguai	1117	443	274	400	52.10

QUESTIONÁRIO

Tendo em vista a elaboração de uma Monografia de Licenciatura – cujo objectivo é enquadrar e analisar a evolução do impacte do “factor casa” no Futebol, investigando a percepção dos jogadores das Ligas Sagres e Vitalis e da II Divisão Nacional (II Divisão B) acerca da influência do local de jogo e dos respectivos constrangimentos ao seu desempenho desportivo nos jogos em casa e fora – solicita-se a sua colaboração para o preenchimento do presente questionário.

Apresenta-se, em seguida, um conjunto de variáveis que descrevem algumas variáveis passíveis de se constituírem como alvo de observação no jogo de Futebol.

Por favor, indique a importância que, do seu ponto de vista, cada uma delas assume.

As opções são as seguintes: 1 - Nada Importante; 2 - Pouco Importante; 3 - Moderadamente Importante; 4 - Importante; 5 - Muito Importante.

Não há respostas certas ou erradas. Apenas é solicitado que exprima os seus pontos de vista de acordo com as suas experiências e conhecimentos.

Este questionário é anónimo.

Muito obrigado pela sua colaboração.

QUESTIONÁRIO							
Dados pessoais	Idade						
	Tempo como jogador profissional (em anos)						
	Liga em que joga actualmente						
Existência do “Factor Casa”			Nada Importante	Pouco Importante	Moderadamente Importante	Importante	Muito Importante
	1) Que importância atribui ao “factor casa” para o aumento do rendimento de uma equipa de futebol?		1	2	3	4	5
	2) Que importância atribui ao “factor casa” para o aumento do rendimento da sua equipa de futebol?		1	2	3	4	5
Factores da localização do jogo associados ao “Factor Casa”	3) Que importância atribui aos seguintes factores enquanto influenciadores do “factor-casa”? ↓		Nada Importante	Pouco Importante	Moderadamente Importante	Importante	Muito Importante
	Público/espectadores		1	2	3	4	5
	Efeito territorial (resposta protectora dos jogadores perante a invasão de um território que lhes pertence)		1	2	3	4	5
	Aprendizagem/Familiaridade com o terreno de jogo		1	2	3	4	5
	Regras de jogo		1	2	3	4	5
	Viagens (fadiga da equipa visitante)		1	2	3	4	5
	Árbitros (favorecer a equipa da casa)		1	2	3	4	5
	Outro (s):		1	2	3	4	5
			1	2	3	4	5
Estados psicológicos do jogador	4) Atribua um nível (de 1 a 5) aos seus estados psicológicos nos jogos em casa .		Muito Baixo	Baixo	Moderado	Elevado	Muito Elevado
	Orgulho		1	2	3	4	5
	Confiança		1	2	3	4	5
	Divertimento		1	2	3	4	5
	Stress		1	2	3	4	5
	Eficácia da equipa		1	2	3	4	5
	Motivação		1	2	3	4	5
	Pressão		1	2	3	4	5
	Ansiedade		1	2	3	4	5
	Tensão		1	2	3	4	5
	Fadiga		1	2	3	4	5
	Capacidade de concentração		1	2	3	4	5
	Vigor		1	2	3	4	5

Estados psicológicos do jogador	5) Atribua um nível (de 1 a 5) aos seus estados psicológicos em jogos fora de casa .	Muito Baixo	Baixo	Moderado	Elevado	Muito Elevado
	Orgulho	1	2	3	4	5
	Confiança	1	2	3	4	5
	Divertimento	1	2	3	4	5
	Stress	1	2	3	4	5
	Eficácia da equipa	1	2	3	4	5
	Motivação	1	2	3	4	5
	Pressão	1	2	3	4	5
	Ansiedade	1	2	3	4	5
	Tensão	1	2	3	4	5
	Fadiga	1	2	3	4	5
	Capacidade de concentração	1	2	3	4	5
	Vigor	1	2	3	4	5
Estados comportamentais do jogador	6) Atribua um nível (de 1 a 5) aos seus estados comportamentais nos jogos em casa .	Muito Baixo	Baixo	Moderado	Elevado	Muito Elevado
	Nível de agressividade	1	2	3	4	5
	Persistência face a resultados negativos	1	2	3	4	5
	Esforço despendido	1	2	3	4	5
	Cumprimento dos Princípios de Jogo	1	2	3	4	5
	7) Atribua um nível (de 1 a 5) aos seus estados comportamentais em jogos fora de casa .	Muito Baixo	Baixo	Moderado	Elevado	Muito Elevado
	Nível de agressividade	1	2	3	4	5
	Persistência face a resultados negativos	1	2	3	4	5
	Esforço despendido	1	2	3	4	5
	Cumprimento dos Princípios de Jogo	1	2	3	4	5
Relação Jogo – “Factor Casa”	(P. f., assinale apenas uma opção utilizando uma cruz X)	Defesa	Transição Defesa-Ataque	Ataque	Transição Ataque-Defesa	Nenhuma
	8) Numa equipa que joga fora de casa , qual a fase/momento de jogo que considera ser a mais prejudicada pelo “factor casa”?					
	9) Numa equipa que joga em casa , qual a fase/momento de jogo que considera ser a mais beneficiada pelo “factor casa”?					

“FACTOR CASA” NOS CAMPEONATOS DA I LIGA PORTUGUESA DE FUTEBOL								
Época	Nº Equipas	Local do Jogo	Nº Jogos	Nº Pontos Conquistados		Nº Total de Pontos		Factor Casa (%)
				2 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória (conversão)	2 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória (conversão)	
1986-1987	16	Casa	240	322	448	480	650	68,932
		Fora	240	158	202			
1987-1988	20	Casa	380	486	662	760	1006	65,805
		Fora	380	274	334			
1988-1989	20	Casa	380	497	687	760	1023	67,155
		Fora	380	263	336			
1989-1990	18	Casa	306	420	584	612	826	70,702
		Fora	306	192	242			
1990-1991	20	Casa	380	506	708	760	1038	68,208
		Fora	380	254	330			
1991-1992	18	Casa	306	421	587	612	829	70,808
		Fora	306	191	242			
1992-1993	18	Casa	306	410	574	612	836	68,660
		Fora	306	202	262			
1993-1994	18	Casa	306	409	574	612	839	68,415
		Fora	306	203	265			
1994-1995	18	Casa	306	395	554	612	841	65,874
		Fora	306	217	287			
				Nº Pontos Conquistados	Nº Total de Pontos		Factor Casa (%)	
				3 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória			
1995-1996	18	Casa	306	550		845		65,089
		Fora	306	295				
1996-1997	18	Casa	306	517		839		61,621
		Fora	306	322				
1997-1998	18	Casa	306	552		837		65,950
		Fora	306	285				
1998-1999	18	Casa	306	538		824		65,291
		Fora	306	286				
1999-2000	18	Casa	306	548		838		65,394
		Fora	306	290				
2000-2001	18	Casa	306	541		845		64,024
		Fora	306	304				
2001-2002	18	Casa	306	546		843		64,769
		Fora	306	297				
2002-2003	18	Casa	306	526		833		63,145
		Fora	306	307				
2003-2004	18	Casa	306	536		844		63,507
		Fora	306	308				
2004-2005	18	Casa	306	505		830		60,843
		Fora	306	325				
2005-2006	18	Casa	306	496		842		58,907
		Fora	306	346				
2006-2007	16	Casa	240	375		657		57,078
		Fora	240	282				
2007-2008	16	Casa	240	378		639		59,155
		Fora	240	261				
2008-2009	16	Casa	240	411		645		63,721
		Fora	240	234				
Média e Desvio-padrão do “Factor Casa” desde 1986-1987 até 2008-2009 = 64,825 ± 3,616								

**“FACTOR CASA” NOS CAMPEONATOS DA II LIGA PORTUGUESA DE FUTEBOL
DE 1990/1991 A 2008/2009**

Época	Nº Equipas	Local do Jogo	Nº Jogos	Nº Pontos Conquistados		Nº Total de Pontos		Factor Casa (%)
				2 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória (conversão)	2 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória (conversão)	
1990-1991	20	Casa	380	509	711	760	1035	68,696
		Fora	380	251	324			
1991-1992	18	Casa	306	418	580	612	824	70,388
		Fora	306	194	244			
1992-1993	18	Casa	306	414	577	612	830	69,518
		Fora	306	198	253			
1993-1994	18	Casa	306	437	616	612	841	73,365
		Fora	306	175	225			
1994-1995	18	Casa	306	403	567	612	843	67,260
		Fora	306	209	276			
				Nº Pontos Conquistados		Nº Total de Pontos		Factor Casa (%)
				3 Pontos por Vitória		3 Pontos por Vitória		
1995-1996	18	Casa	306	587		853		68,816
		Fora	306	266				
1996-1997	18	Casa	306	573		831		68,953
		Fora	306	258				
1997-1998	18	Casa	306	571		836		68,301
		Fora	306	265				
1998-1999	18	Casa	306	552		822		67,153
		Fora	306	270				
1999-2000	18	Casa	306	517		839		61,621
		Fora	306	322				
2000-2001	18	Casa	306	560		847		66,116
		Fora	306	287				
2001-2002	18	Casa	306	548		838		65,394
		Fora	306	290				
2002-2003	18	Casa	306	558		828		67,391
		Fora	306	270				
2003-2004	18	Casa	306	534		831		64,260
		Fora	306	297				
2004-2005	18	Casa	306	552		840		65,714
		Fora	306	288				
2005-2006	18	Casa	306	515		823		62,576
		Fora	306	308				
2006-2007	16	Casa	240	375		657		57,078
		Fora	240	282				
2007-2008	16	Casa	240	378		639		59,155
		Fora	240	261				
2008-2009	16	Casa	240	411		645		63,721
		Fora	240	234				
Média e Desvio-padrão do “Factor Casa” desde 1990-1991 até 2008-2009 = 66,078 ± 3,879								

“FACTOR CASA” NOS CAMPEONATOS DA II DIVISÃO NACIONAL (II DIVISÃO B) DE 1995/1996 A 2008/2009						
Época	Nº Equipas	Local do Jogo	Nº Jogos	Nº Pontos Conquistados	Nº Total de Pontos	Factor Casa (%)
				3 Pontos por Vitória	3 Pontos por Vitória	
1995-1996	54	Casa	918	1595	2503	63,724
		Fora	918	908		
1997-1998	54	Casa	918	1650	2523	65,398
		Fora	918	873		
1998-1999	54	Casa	918	1607	2512	63,973
		Fora	918	905		
1999-2000	18	Casa	306	561	828	67,754
		Fora	306	267		
2000-2001	20	Casa	380	659	1036	63,610
		Fora	380	377		
2001-2002	60	Casa	1140	2093	3142	66,614
		Fora	1140	1049		
2002-2003	59	Casa	1102	1951	3011	64,796
		Fora	1102	1060		
2003-2004	59	Casa	1102	1876	3020	62,119
		Fora	1102	1144		
2004-2005	59	Casa	1102	1855	3023	61,363
		Fora	1102	1168		
2005-2006	58	Casa	786	1352	2152	62,825
		Fora	786	800		
2006-2007	56	Casa	728	1177	1976	59,565
		Fora	728	799		
2007-2008	55	Casa	702	1184	1927	61,443
		Fora	702	743		
2008-2009	47	Casa	506	824	1372	60,058
		Fora	506	548		
Média e Desvio-padrão do “Factor Casa” desde 1995-1996 até 2008-2009 = 63,326 ± 1,763						

